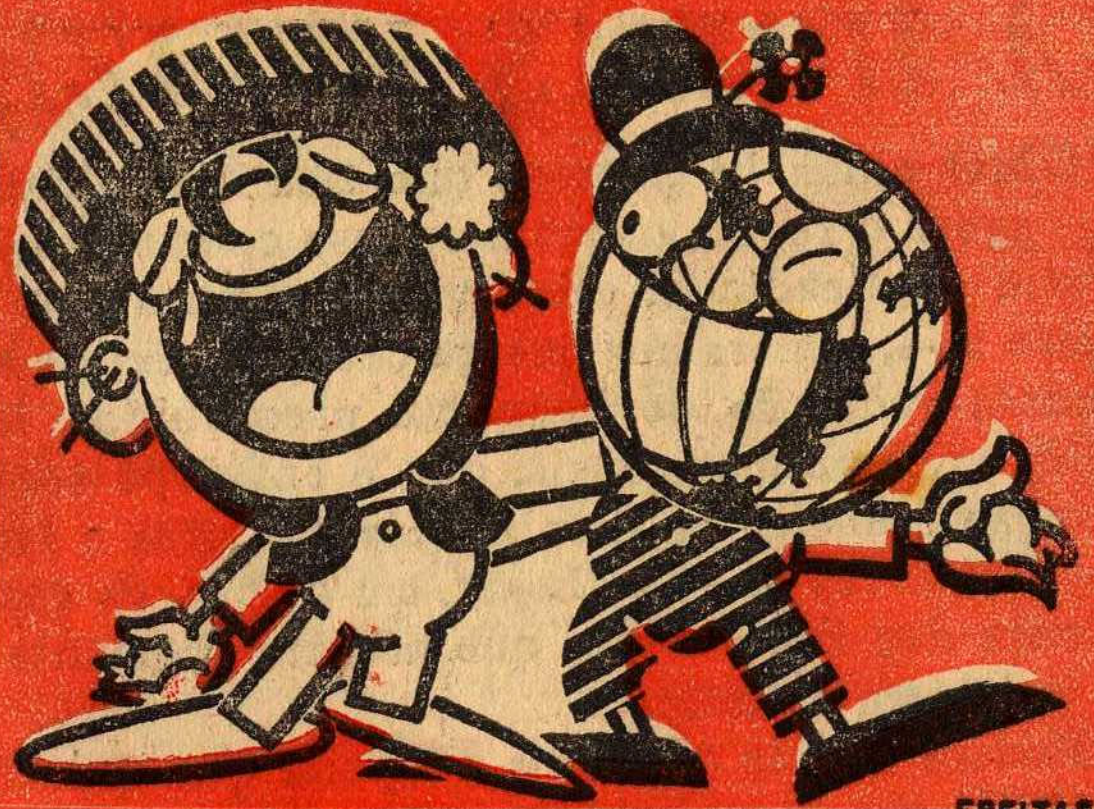
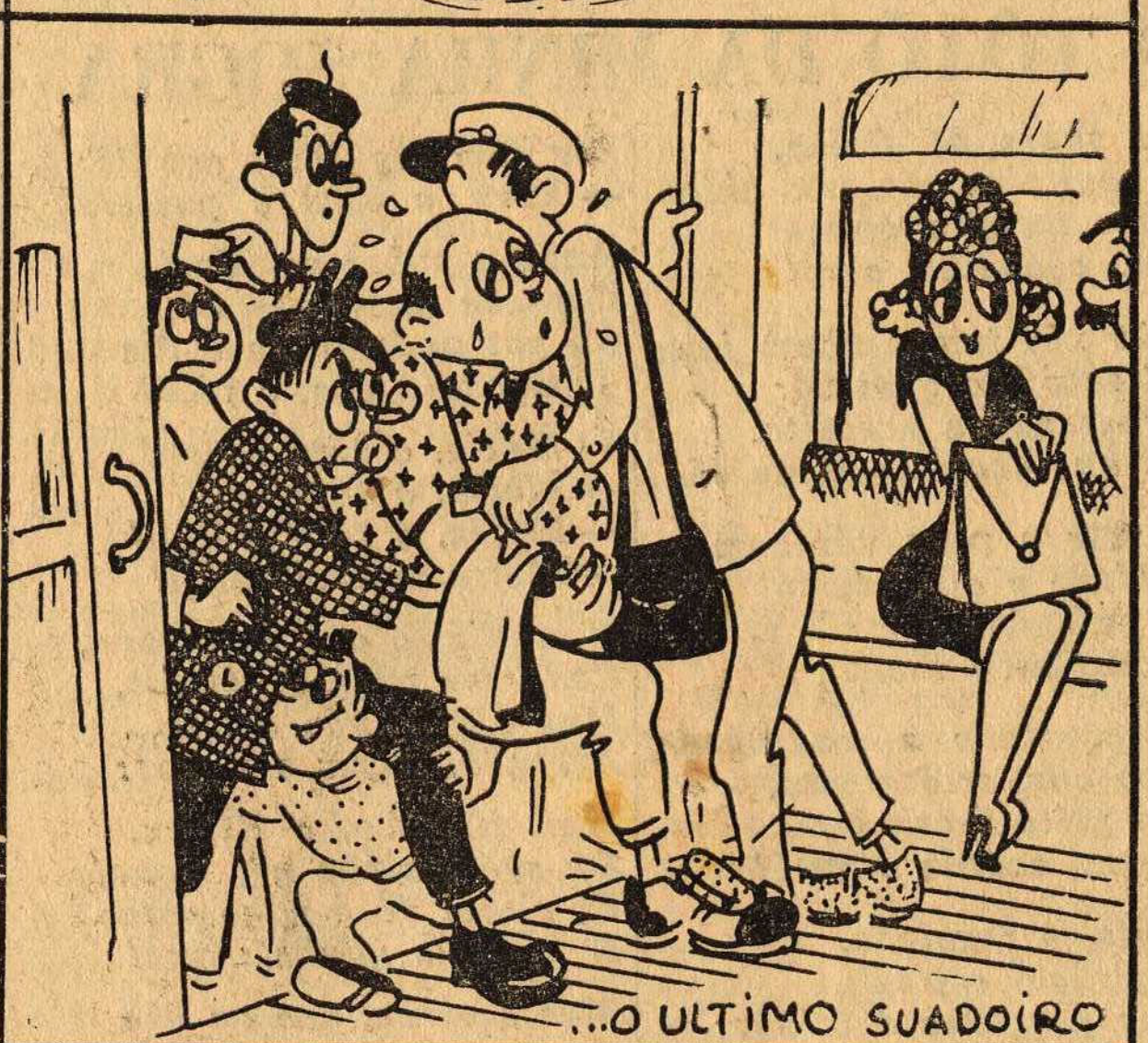
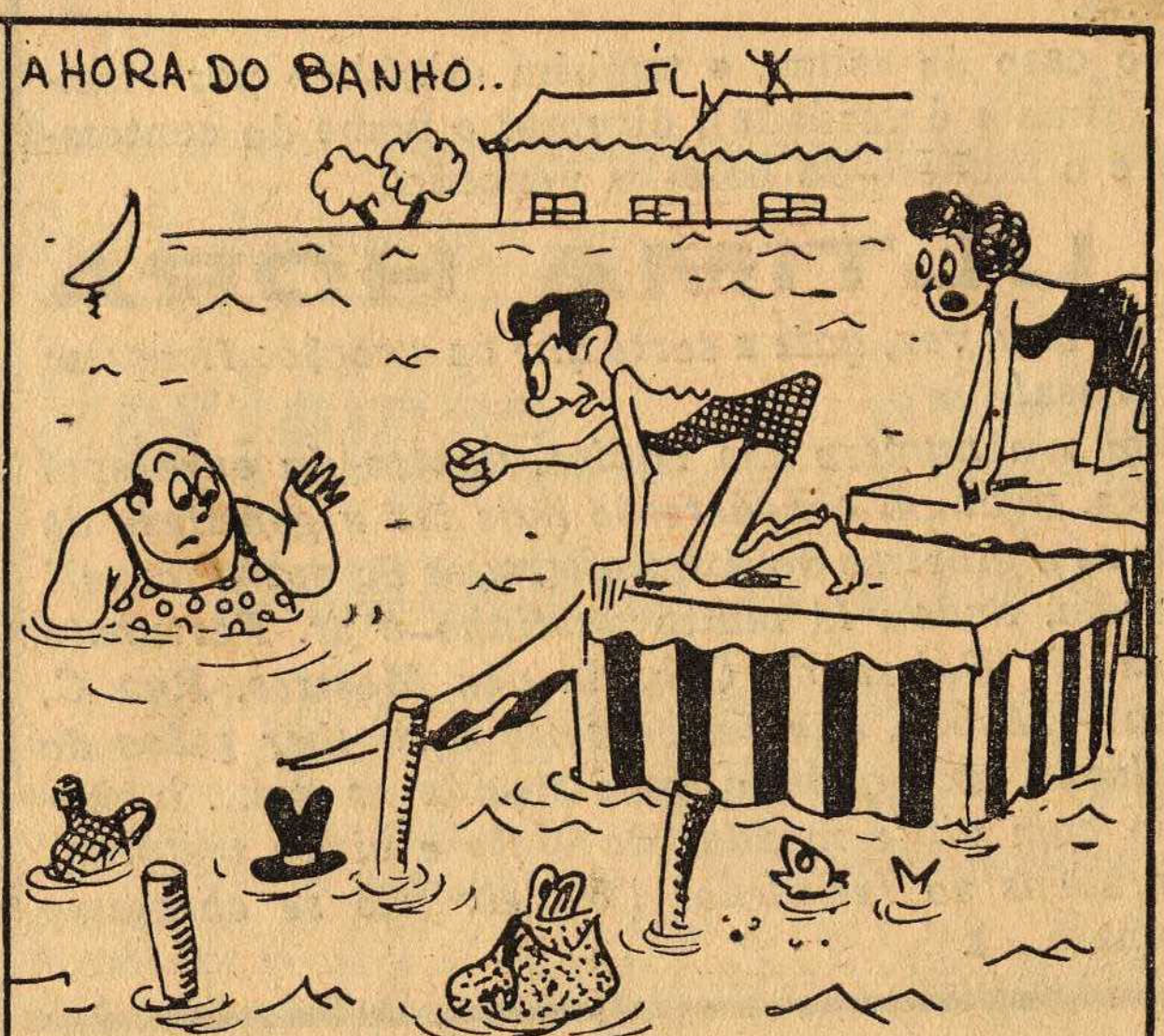
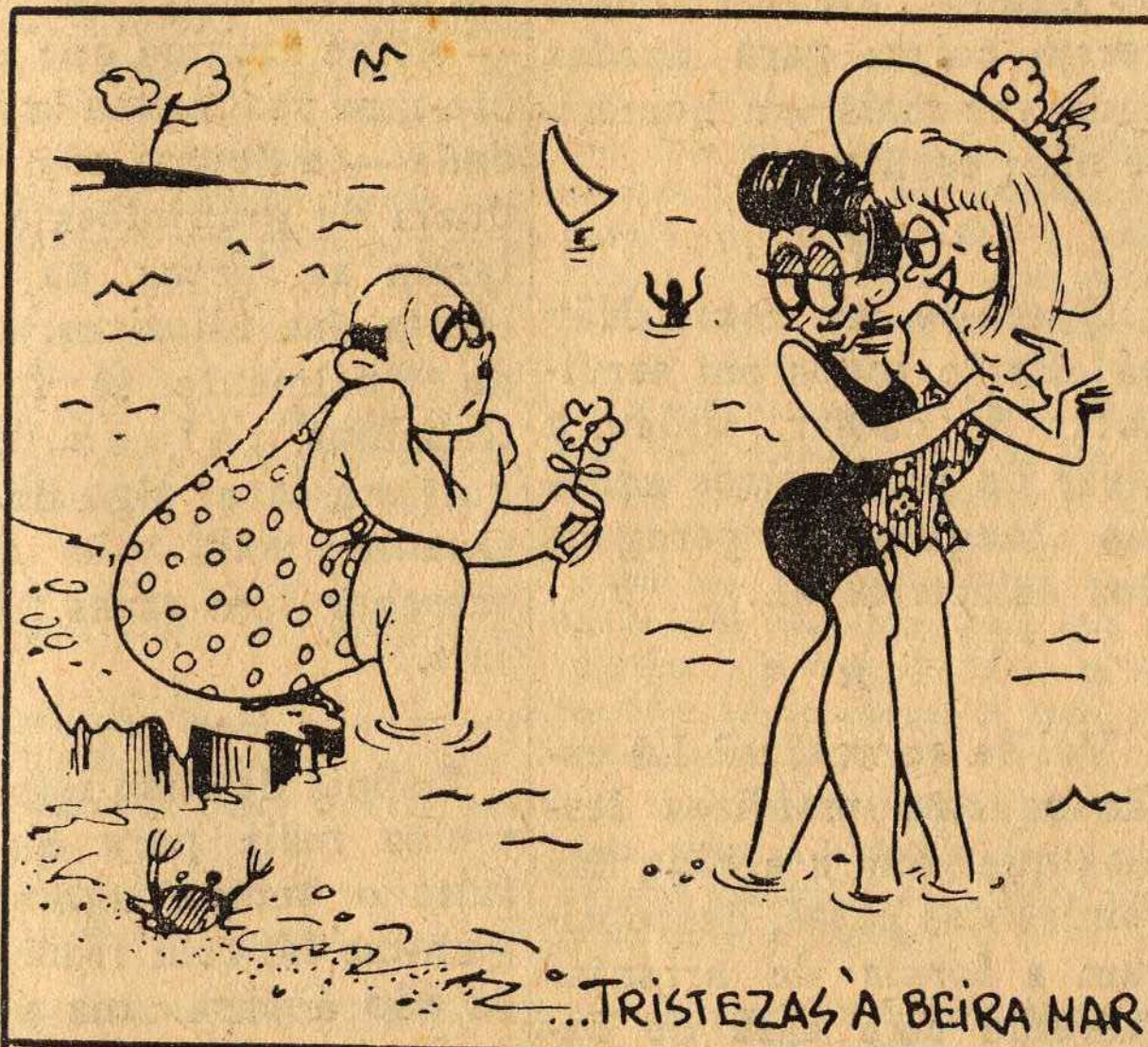


Diário MUNDIAL



FREITAS

Director (interino) e Proprietário: Jerónimo Pinteus de Sousa ★ Editor: Francisco Amaral Duarte ★ Redactor principal: Mário de Meneses Santos ★ Redacção e Administração (Provisórias): Rua da Misericórdia, 14—Lisboa ★ Composição e Impressão na Sociedade Industrial de Imprensa—Rua Luz Soriano, 94—Lisboa ★ Distribuidores: Agência Argos—Rua da Assunção, 42, 2.º—Lisboa—Telef. 20925



O VERÃO, A PRAIA E AS SUAS INCONVENIENCIAS PARA UM HOMEM GORDO

HÁ HORAS FELIZES!

COMO ainda há pessoas que têm dificuldade em saber o regulamento do nosso concurso — todo bem explicadinho, «tintim por tintim» no nosso número 1 —, lembramos que os coupons têm de entrar na nossa redacção devidamente preenchidos, até ao domingo. Lembramos mais, que o envelope contendo a solução é aberto ao domingo às 22 horas e fechado dois dias antes às 17,30 horas, em ambos os casos na presença dos concorrentes que ao acto (bastante solene), quiserem assistir.

Podem enviar todos os coupons que quiserem e já sabem que o prémio importa em 1.000\$00 («um quilo dele...»).

Reina grande azáfama no escrutínio dos boletins. Daqui a pouco, pelo microfone, — perdão —, pela pena, transmitimos o resultado, — isto é —, ou «sim ou sopas...».

No caso de «sim», e também «tintim» por «tintim», (rima e é verdade), diremos o nome do contemplado e o numero do boletim vencedor.

À ÚLTIMA HORA

Mais uma vez, quis a sorte que os 1.000\$00 ficassem cá em casa!

Com um numero tão bonito, dentro do envelope, o 34.829, nenhum concorrente quis ter a gentileza de aliviar as algibeiras do Administrador do nosso jornal!

Porém, andou lá muito pertinho o sr. Fortunato Guerra, do Bairro da Calçada dos Mestres, Rua C, n.º 100 — Lisboa, que tem direito a receber 50\$00 de consolação, para quando for distraído na rua... ir prevenido com vinte moedas de vinte e cinco tostões...

Parabéns ao felizardo! (Ou ele não se chamasse Fortunato...).

O TÓTÓ DA MINHA SOGRA

Minha sogra, D. Chica,
Que, aqui p'ra nós, tem chinó,
Enorme ternura aplica
Ao seu cãozinho, o tótó.

De cão não tem nenhum jeito
O tal tótó em questão:
Só reparando a preceito,
Se vê que «aquilo» é um cão!

Mas vale a pena ver bem
A vaidade e o capricho
E os cuidados que ela tem
Com o antipático bicho:

Mal rompendo a madrugada,
Mesmo com frio e taró,
Já ela grita á criada:
— Maria, acorda o tótó!

Levanta-se regalada,
Gira p'ráqui e p'ráli,
Depois pergunta á criada:
— O tótó já fez chichi?

Dá-lhe leite ao meio-dia
Com sopas de pão de ló,
E depois diz á Maria:
— Vamos dar banho ao tótó!

Depois de o ter bem lavado,
Perfumado e com asseio,

Diz com orgulho e agrado:
— Leva o tótó a passeio!

Anda a pobre da Maria
Cansada que mete dó,
Só por andar todo o dia
Tratando o cão, o tótó!

— Maria, o tótó sujou!
— Maria, o tótó caiu!
— Maria, o tótó ladrou!
— Maria, o tótó fugiu!

P'ra mim o cão é enguiço,
Cada vez mais o detesto,
Mas o pior não é isso...
Atenção, oiçam o resto!:

Meu filhinho, o Eliseu,
Da avó carinho não logra,
E, claro, se é filho meu,
É neto da minha sogra!

Mas a velha, que no cão
Concentra todo o carinho,
Só a ele presta atenção
E nada liga ao netinho!

E, p'ra cúmulo, se sai só
Com o neto e com o cão,
Põe logo ao colo o tótó...
E o neto... vai pela mão!

A. SILVA



OPINIÕES

DO SENHOR

SARAMAGO

Mas que mau gosto eu tenho na boca. Este maldito fígado... Depois só aparecem coisas para azedar — nome técnico que encobre uma realíssima brutalidade — e depara com meia dúzia de granjolões a gastarem as forças na mais idiota das idiotices, quando, finalmente, se fossem trabalhar, talvez conseguissem fazer algo de util. Quanto mais não fosse, carregar com sacas para o cais.

Quere-se um taxi? Não há! Estão todos em serviço!!! Se calhar, andam a levar os passageiros aquelas longínquas paragens dos «eléctricos»...

Vai-se ao «café»? Lá estão aqueles malditos lesmas que, com a subida das rendas das casas, descobriram a forma de arranjar moradia com casa de banho, chafage, porteiro e criados por 30\$00: 1\$00 por dia para o cafézinho. O pior é que, mesmo os miseráveis 10 tostõeszinhos são pagos pelo amigo de ocasião, que tem a desdita de passar pelo raio de acção destas sanguessugas, mil vezes piores do que o escaravelho da batata americana; este, pelo menos, não fez mal a ninguém...

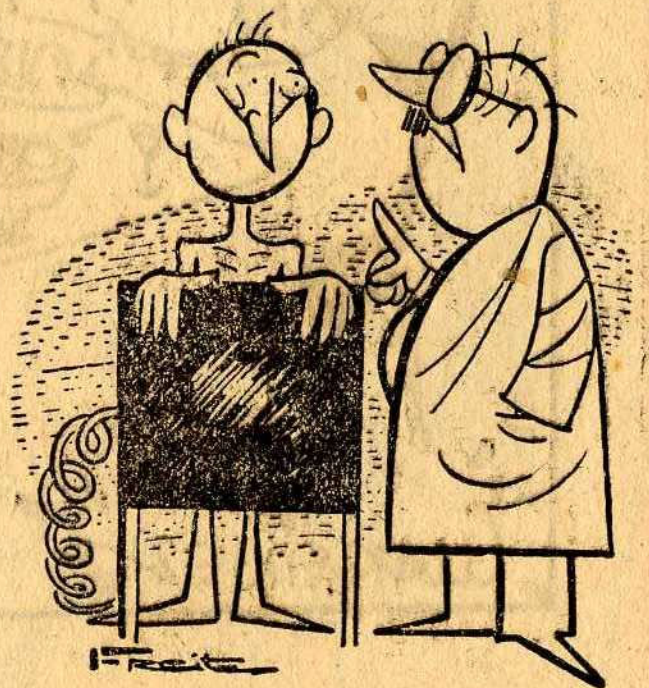
Vai um homem muito descansado da sua vida, atravessa a rua num local onde não deve atravessar, porque o local onde quer atravessar está longe do sítio onde se pode atravessar e... é bem feito porque se não fosse assim, nunca mais aprenderia a atravessar.

Assiste uma pessoa a uma sessão de «pancada-ria brava», vulgo luta livre — nome técnico que encobre uma realíssima brutalidade — e depara com meia dúzia de granjolões a gastarem as forças na mais idiota das idiotices, quando, finalmente, se fossem trabalhar, talvez conseguissem fazer algo de util. Quanto mais não fosse, carregar com sacas para o cais.

Depois de tudo isto e de muito mais para que me falta o tempo agora, digam-me lá, com franqueza, se não é para uma pessoa andar com a boca azeda?

Enfim...

Agora vou terminar, com uma quadra nada má, e perguntar aos leitores, s'isto tá bem ou não tá?



— ... E sobre tudo nada de abusos. Muito pouca carne, evitar o azeite, umas migalhinhas de pão, nada de açúcar. E muito cuidado com a manteiga!...



Hoje vamos pôr de castigo, no quarto escuro, os «meninos» que têm o seu negócio integrado no ramo de automóveis...

Isto, a propósito das lamurias dos motoristas de taxi, desde que saiu o decreto da redução de tarifas suplementares.

Um carro comprado na América, é posto na Alfandega por um preço relativamente baixo e não é sobrecarregado com excessivos impostos alfandegários, como por aí se apregoa. Depois, vai para o Stand do representante, e aqui, tal como os meninos após uma certa idade, o custo começa a crescer, a crescer, até que se torna num preço «homenzinho...»

Depois, lá vem um sujeito que compra um carro em seu nome, outro em nome da mulher e assim sucessivamente. E como ele é só um e os carros são muitos vendendo-os a outro senhor, e a outro, e a outro ainda, por preço mais caro...

A páginas tantas, o automóvel necessita de reparações e de substituir algumas peças que se gastaram.

O comprador vai para o Stand representante da marca, que não

tem os tais acessórios. Ali, dizem-lhe:

— Nós não temos, mas o senhor Fulano, da rua X, talvez tenha...

O senhor Fulano, é dono duma oficina. E então, recebe o cavalheiro dono do automóvel, lastimando não possuir a tal peça. Mas de repente, recorda-se:

— Espere lá... Eu tenho aí isso, sabe? Mas está vendido ao senhor Cicrano. É claro, como ele nunca mais cá apareceu, posso-lhe ceder. (E mais baixinho). — Mas compreende... custa Y!

O cavalheiro, fica atrapalhado e engasgado com o preço, mas pensa:

— O Stand não tem, este «tipo» tem por acaso... Ná! Vou levar a peça!

E leva... e é «levado»... Manda colocar, e aí fica-lhe o conserto por 2Y. Então protesta:

— Isto foi caríssimo!

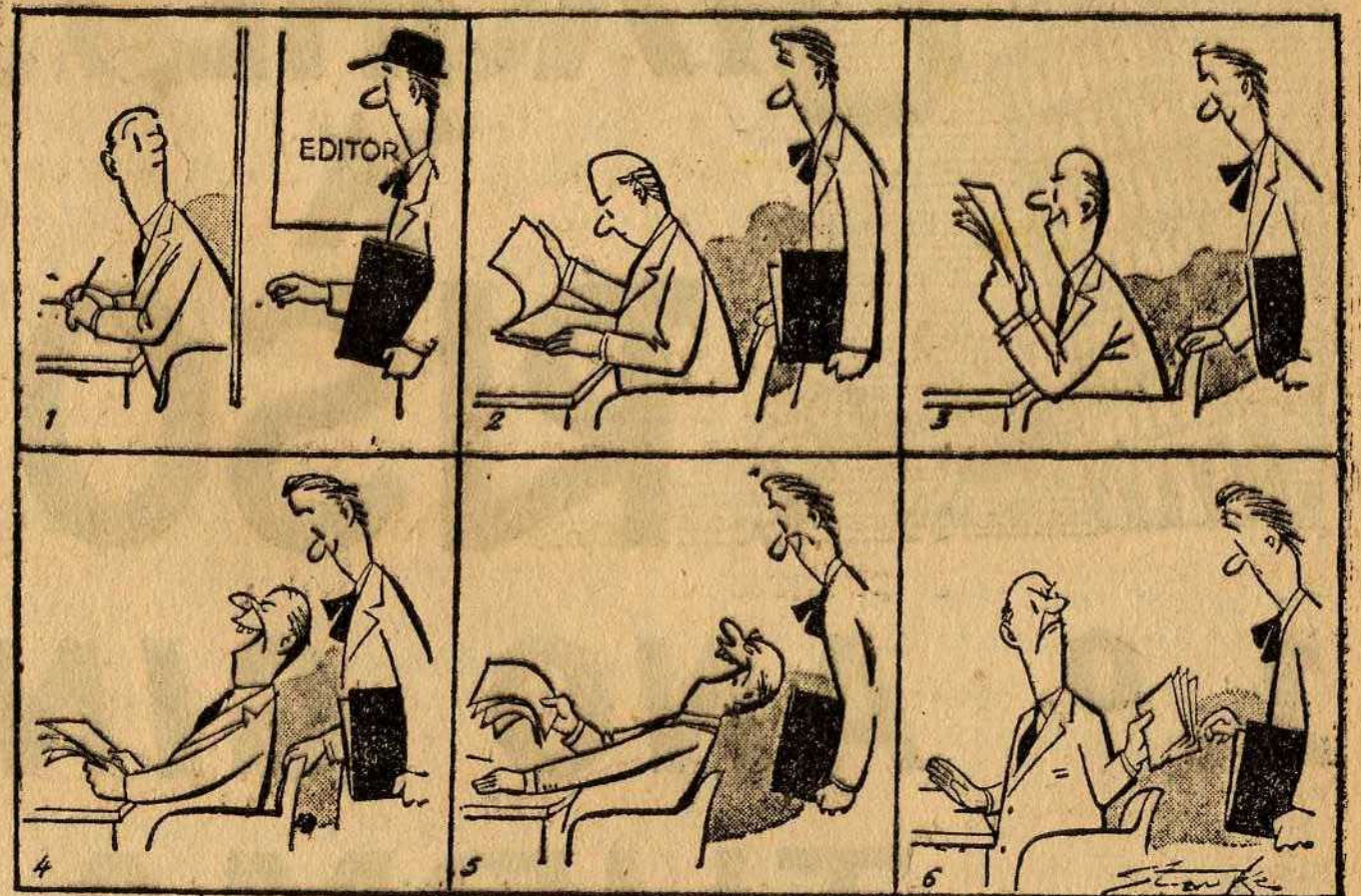
E o dono da oficina:

— Mas olhe que a peça é muito rara... (como se vendesse um quadro de Rembrandt) e além disso o pessoal ganha uma fortuna! Tive que aumentar os salários 200%! Calcule...

E é assim, meus senhores. É assim, evidentemente, até ao dia em que se investigue e estude o caso desde a origem. Mas temos esperanças no Futuro, porque quem foi á mão dos «meninos» que se estavam a governar com os 50%, também há-de chegar á mão dos outros «meninos»...

E que «palmatoadas» tão bem dadas, essas a distribuir pelas manábulas gananciosas de quem tanto as anda a precisar!

UM GRANDE HUMORISTA E UM EDITOR COMO MUITOS...



(Do «Liliput»)

Graça doutros tempos

Perfeição... e rapidez

APONTAMENTOS DE VIAGEM

BRAÇO DE PRATA, 8 h. e 40 m. — À luz radiante do sol, posso examinar os meus companheiros de viagem. São: um velhote de cabelos brancos, óculos de aros de ouro e barretinho de seda na cabeça; uma dama de meia idade, três senhoras tão idosas e tão feias que as Górgonas, á vista delas, deviam parecer as três Graças, e uma menina dos seus 19 anos, gentil, olhos vivos, focinho arrebitado, e toda ela transpirando mocidade e desenvoltura. Calhou ir sentada ao lado dum rapaz, e examinei-a o disfarçadamente, olhando de quando em vez para o Tejo, como quem goza a beleza da paisagem.

SACAVÉM, 8 h. e 55 m. — O comboio, por qualquer motivo de serviço, teve uma paragem forçada.

Pesam-me as pálpebras. Dormito.

SETIL, 9 h. e 15 m. — Acordei. Preguiçoso, entreabro ligeiramente os olhos. Vejo os pés dos passageiros que vão

por Campos Monteiro

na minha frente. O rapaz do monóculo calça sapatos á pampo seco. A rapariga, sapatos de lona branca. Acabava eu de fazer esta observação quando o sapato de Artur — hão-de ser sempre terríveis os Artures! — deslisou dois passos pelo tapete e se encostou ao sapato branco mais próximo. Passaram dois minutos. O sapato branco ergueu-se um pouco e pousou sobre o amarelo, numa pressão que devia ser deliciosa.

— Demónio! — disse eu para comigo, esfregando as pálpebras — Estou num comboio ou num cinematógrafo?

Este meu gesto, intempestivo, fez com que as duas peças de calçado se separassem rapidamente, regressando ás posições primitivas. Endireitei o busto, como se acabasse de acordar e olhei a um lado e outro. Artur lia o «Diário de Notícias»; a pequena lia um livro de versos. Papá, mamã e as três feras dormiam como santos.

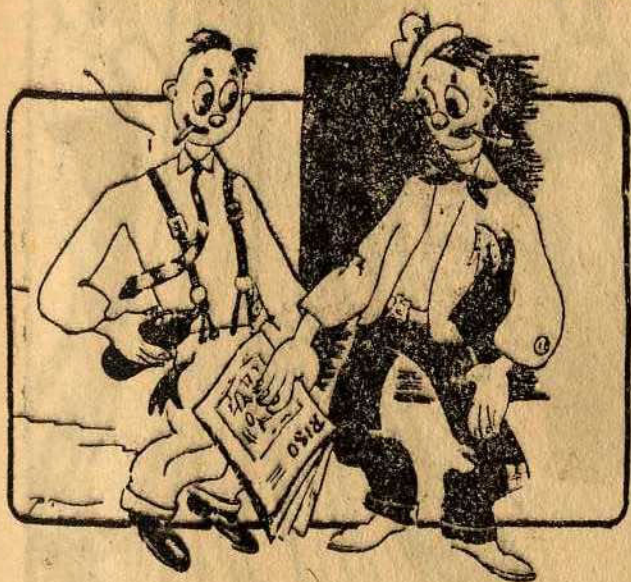
SANTARÉM, 9 h. e 40 m. — Não há dúvida. Apesar de

(Continua na 15.ª pág.)

Riso Louco

Na Secretaria

— O que é preciso?
— Certidão de idade.
— E mais?
— Atestado de residência.
— E que mais?



— Disseram-me que ias casar com uma mulher que tem uma grande fortuna?!

— Não é bem assim... Vou mas é casar com uma fortuna que tem uma grande mulher.

— Certificado de habilitações literárias.

— Só?

— Não... Mais o atestado médico.

— É tudo?

— Ainda não! Certificado de registó criminal...

— Mais nada?

— Espere: Mais dois atestados médicos.

— Muito bem. Obrigadíssimo!

— Espere aí! O senhor já tomou nota da declaração n.º tantos e a outra declaração n.º qualquer coisa?

— Ainda não, mas agora já está. Obrigado!

— Espere um momento... Faltava ainda o requerimento á Direcção...

— Ai, é verdade! Veja se falta mais qualquer coisa...

—

(Conclusão: concorrentes — 400; vagas — 2; aprovados — 1. Papel selado — 1 quilo.)

ASSINATURAS

3	>	(13 n.ºs)	19\$00
6	meses	(26 n.ºs)	35\$00
12	>	(52 n.ºs)	70\$00

Pedidos para a nossa Administração.



1.º ANO GINASIAL TURMA B

DENTRE as páginas do Metastásio saltou fora uma folha de papel almaço toda escrita, com alguns sinais a lápis azul, e assinada Pascoal Palumbo!

Pascoal Palumbo!

Lembro-me, lembro-me! Pascoal Palumbo, 1907, primeiro ano ginásial, nariz em sela, os dentes incisivos medianos superiores separados, com o bordo cortante em serras, tipo do heredo-sifilítico, primeiro da classe, cheio de espinhas e erudição, sempre disposto a responder ao sr. professor como se dividem os celentérios, como se enuncia o princípio de Lavoisier sobre a conservação da matéria, em que ano Luís XI ficou com hemorroidas, com que idade morreu o poeta Gherardo Pattechio, e qual dos condiscípulos pusera a casca de salame no tinteiro do sr. professor.

Pascoal Palumbo, 1907! Lembro-me de se nome, lem-



— Não tens medo de encontrar na rua, os teus credores?

— Não! Eu ando de automóvel e eles andam a pé...

(Do «Il 420», Florencia)

PELO HUMORISTA
ITALIANO
PITIGRILLI

bro-me desse ano! Foi um ano triste da minha juventude, e um pouco por culpa dessa composição de Pascoal Palumbo, que agora, vinte anos depois, me voltava às mãos.

O professor dera o seguinte tema:

«Chegou-lhes uma carta da Alemanha: como não conhecem a língua alemã, escrevam a um amigo pedindo-lhe o obséquio de traduzi-la».

Não me parecera o tema muito difícil. Com efeito, fui para casa e escrevi:

DESENVOLVIMENTO
DO TEMA

«Caro amigo, peço-te que me traduzas esta carta em italiano. Pelo que te agradeço.»

E entreguei-o na manhã seguinte.

O sr. professor chamou-me à cátedra e disse:

— Pela composição, que não é uma composição, dou-lhe quatro. Pela conduta, dou-lhe zero. Das aulas, suspendo-o por uma semana. Passado este período, queira vir acompanhado por seu pai.

Meu regresso á escola, oito dias depois, fez-se com uma funebre solenidade. Creio que o Asilo Beneficente para os Egressos do Cárcere acolhe com mais carinho os seus beneficiados. Eu e o papá fomos recebidos pelo director, que me fitou como se contemplasse um peixe raro.

— Em quarenta anos de magistério, começou ele, poucas vezes tenho encontrado indivíduos como tu.

E voltando-se para o papá: — O senhor decerto não ignora que o professor dera o seguinte tema:...

— Eu sei, eu sei, respondeu o papá, esticando e erguendo os braços como um ípsilon maiúsculo.

— E saberá também, prosseguiu implacável o director do instituto, que o seu filho se saiu de apuros com duas linhas.

— Eu sei, eu sei, reconheceu o papá, assumindo de novo a posição ipsilonoide, e deixando cair os braços sob o peso daquela vergonha que de repente caía sobre a sua intemerata família.

— Mas não compreendeste, perguntou-me o director, que o teu desenvolvimento é menor que o tema.

— Julgava ter dito tudo em poucas palavras, aventurei.

— Mas não disseste nada, infeliz! — gritou o director. Nem sequer, para dizer alguma coisa, fizeste referência ao incómodo que davas ao amigo.

— Se me arrecesse de lhe dar algum incómodo não lhe escreveria.

— Viu que respondão? — perguntou o director a meu pai.

E meu pai:

— Sê mais respeitoso com o sr. director! Aqui não estamos em casa, onde a mamã te deixa fazer tudo o que queres.

O director continuou:

— Na carta ao amigo não fizeste referência ao conhecimento que ele tinha do alemão.

Julguei que devia desculpar-me:

— Não me parecia necessário. Se o outro não soubesse o alemão, eu não me dirigia a ele.

— Ouviu? — exclamou o educador furioso.

— Repito-te, interveio meu pai, que trates com todo o respeito os teus superiores, que só procuram o teu bem.

— E nem ao menos declaraste que não sabias o alemão.

— Se soubesse alemão, traduzi-la-ia sózinho. Parece-me que isto está implícito.

— Ouviu? Ele disse implícito! — urrou com a voz mais ofendida o director.

O papá estava acabrunhado. Mais por ele do que por mim, o director procurou no fundo da alma um pouco de indulgência, e com tom resignado de quem se encontra, impotente, diante de um caso incurável:

— Podes ir. Vê se te emendas. Ainda estás em tempo, se quiseres. Senão, não sei aonde iremos parar. Volta á classe.

Ao jantar, a mamã já sabia que eu dissera «implícito» ao director. Dois dias depois, todos os meus parentes já sabiam que eu dissera «implícito».

— Para ele tudo está implícito! — exclamava sarcástico o meu pai para tornar mais brilhante as suas repreensões.

Eu próprio cheguei a convencer-me que o facto de ter dito implícito diante do director era uma falta imperdoável. Em certo ponto fui ver no dicionário se por acaso implícito não era uma parte vergonhosa.

Alguns dias após a minha readmissão á classe, o professor rompeu o silêncio indiferente que até então ostentara, para ordenar-me:

(Continua na 7.ª pág.)



— Estranho que não me tiveses apresentado aquele jovem tão bonitinho.

— E' o detective encarregado de vigiar os talheres de prata!

(Do «Il 420», Florencia)



Nos títulos das peças teatrais, como nas bocas do mundo e nas gavetas das secretárias, estão quase sempre os segredos... do êxito.

Um título que chame a atenção do público é tão importante, tão importante, como os vestidos de senhora. E têm uma afinidade: cobrem ambas as mazelas.

Uma mulher pode ter uma úlcera na pele, mas ninguém nela repara, se estiver coberta pelo vestido... a não ser que haja um pequeno descuido. Também uma peça pode ser má, mas fazer enchentes... em virtude de estar coberta pelo título.

Há diversos títulos que podem ser tomados com prenúncios de êxito absoluto; são os títulos constituídos por exclamações e os títulos que focam um assunto oportuno, político ou social.

De entre estes, porém, os autores teatrais são unânimes em preferir — coisa que também sucede comigo — os «títulos á cobrança».

★

Começaram já, no Avenida, os ensaios da nova revista, ainda sem título.

Por que lhe não chamam mesmo assim: «Sem título»? Sem título ainda pode ir á cena! Agora sem dinheiro...

★

Num templo teatral do Par-



Consequências duma valsa ouvida num receptor de automóvel, por uma grande amador de dança...

(Do «Lustige Blätter»)

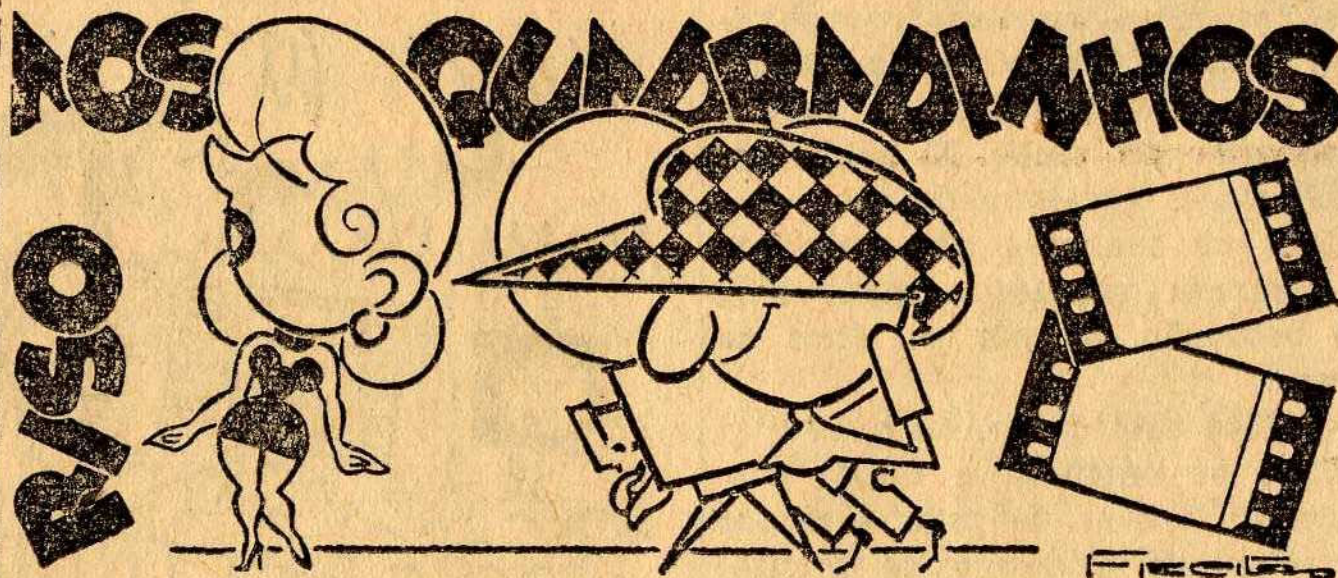
que Mayer é celebrado amanhã acto de sufrágio pela alma dos contratadores... «facilecidos».

★

O António Mestre fez para os parisienses... (oni sóite que male i pênse) ... umas musicasinhas, para acordeão.

★

A Peggy pegga nas malas,



Toda a gente sabe o que são natos prematuros! Os natos prematuros preocupam bastante os cientistas, pela circunstância de, quase sempre, serem débeis e mal constituídos. Se escapam, á nascença, de uma morte certa para mais de 60 por cento dos casos, ei-los pela vida fora a preocupar a Medicina e a Humanidade. Ora, no Cinema também há os natos prematuros (filmes). São aqueles que vêm a público antes do necessário tempo de gestação e, por conseguinte... fraquejam, e, muitas vezes, morrem á nascença.

Estão nestas condições muitas das películas nacionais. Poderia enunciar algumas, o que não faço, a fim de não ferir susceptibilidades.

Gostaria contudo que os cineastas, tal como os cientistas, cuidassem com atenção os natos prematuros e os fortalecessem, nos laboratórios... depois de dados á luz.

Mas não sucede assim! A maioria dos realizadores, sabendo que os seus filmes não tiveram a necessária gestação, cruzam os braços e dizem «Alea jacta est». (Eu sei muito latim).

brevemente, para ir a caminho de Londres.

★

Dizem os jornais que Chang, o magro mago que se estreia no Coliseu, no dia 24, queima uma mulher, em presença do público.

Não aceitarão candidatas? Se aceitassem, eu mandava lá «aquela santa».

★

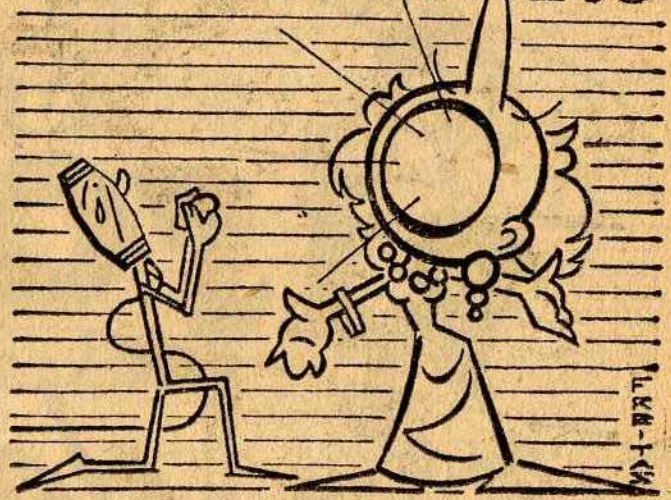
O «Passarinho da Ribeira» terá no seu elenco a Satanela e a Salúquia. Se também incluírem o Octávio Bramão, ficam as iniciais mesmo a calhar: S. O. S.

★

Regressaram a Paris os Cavalcos», que estiveram no Variedades.

Lá está o Variedades a trabalhar com menos «3 Cavalcos... vapor» (Estupido!)

RISO AS ONDAS



Sôbre a televisão muito se tem dito e escrito, em todos os países onde chegou já a preciosa descoberta de Gutenberg! (Vidé dic. «Petit Larousse II.», pág. tantos). A verdade, porém, é que muito pouco se pode escrever ainda — ou dizer — sôbre este aperfeiçoamento da rádio, que não será eficiente nestes anos mais próximos. Americanos e europeus dedicam-se, com afã, ao estudo desta nova modalidade da T. S. F. e á criação de galinhas: á primeira, para terem a honra da descoberta, e á segunda, para terem o proveito de comer os ovos. A uma conclusão chegaram já os técnicos dos dois trabalhos: é mais fácil uma galinha pôr ovos do que num pequenino aparelho poder ver-se, com nitidez, tudo quanto se passar num estúdio. Até pela razão de, nos estúdios, haver sempre pequenas coisas que escapam até aos olhares perspicazes daqueles que deles devem ter conhecimento. Mas isso são coisas íntimas, com as quais eu nada tenho.

Gozo, contudo, com a ideia de poder ver, um dia, em casa, através do meu rádio, certas coisas que se passam nos estúdios de muitas emissoras, graças á televisão.

★

A Gina, «Esteves» fora de Lisboa, mas já cá está outra vez. (Tinha esta piada na gaveta, há mais de um ano. Mas a segunda edição é a que melhor se vende — Nota do Autor.)

★

Torres Marques, que em tempos foi pioneiro da música moderna, no nosso País, aparece agora como pioneiro da Rádio... Renascença, num programa que merece ser ouvido, porque é bom! (Isto é a sério.) Parabéns, Torres Marques.

★

As ideias da nossa Rádio continuam a ser todas velhas... Não haverá por aí quem venda uma ideiazinha?

DIAMANTINO FARIA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



MEMÓRIAS

dum jornalista incipiente

MATIAS Redondo é um jovem entusiasta pelas coisas do futebol, que se dedicou há pouco ao jornalismo desportivo.

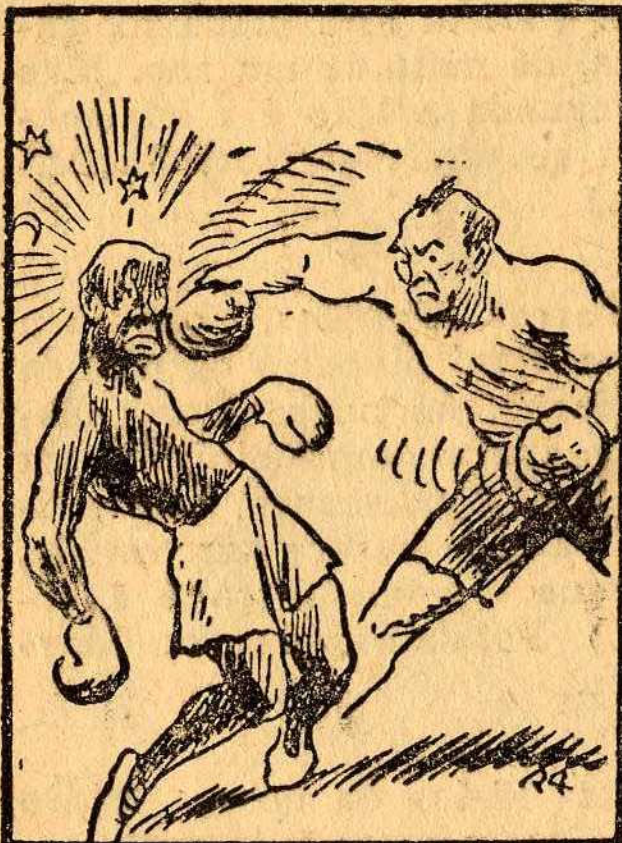
Espírito ordenado, Matias Redondo está elaborando um curioso «Livro de memórias», onde insere peripécias várias que lhe têm ocorrido no exercício do seu mister — livro do qual nós estamos autorizados a transcrever alguns passos para os leitores de «Riso desportivo».

Fá-lo-emos, como não pode deixar de ser, em género-folhetim, e começamos hoje pelo curto trecho, que segue abaixo, onde o novel jornalista nos dá conta do seu muito valor e modéstia:

O «PEVIDE DE MARMELO»

«Li, há dias, feita por um poeta famoso e literato consagrado, uma crítica cinematográfica, onde se dizia que o protagonista do filme estivera muito «pevide de marmelo» — expressão curiosa com a qual o ilustre escritor quis significar a fraca actuação do cineasta.

Como é o exemplo dos bons que



— Atira-me para o corpo, homem! Não vês que tenho que me encontrar com a minha noiva, esta noite?

(Do «Judge» — Nova York)

nós devemos seguir, pensei logo em adoptar expressões semelhantes nos meus escritos futebolísticos. E assim, no relato do desafio de hoje, lá pus que o ponta-esquerda do clube X havia estado muito «grainha de uva».

Pois os senhores não calculam o escarcéu que fez o meu chefe de redacção, ao pôr os olhos na prosa.

— Você está doido, ou quê?

Tive de emendar e fiquei tristíssimo. Apesar de toda a minha boa-vontade e desejo de progredir, a verdade é que não me reconhecem ainda categoria para poder dizer asneiras á minha vontade.»

★

Esta pequena amostra basta certamente para despertar o interesse dos nossos leitores pelas «Memórias dum jornalista incipiente», que hoje começamos a publicar.

Em breve — talvez já no próximo número — Matias Redondo contará aos leitores do «Riso Desportivo» qualquer outro caso que lhe haja sucedido, com agrado certo de todos

Aceitam-se assinaturas.

ULTIMA HORA

A CABA de operar-se uma sensacional transformação nos regulamentos do futebol. Assim, na próxima época, as equipas passarão a alinhar apenas com 9 elementos, desaparecendo os componentes da ala esquerda do ataque.

E que, em obediência ás novas regras sobre o transito, só se pode avançar pela direita.

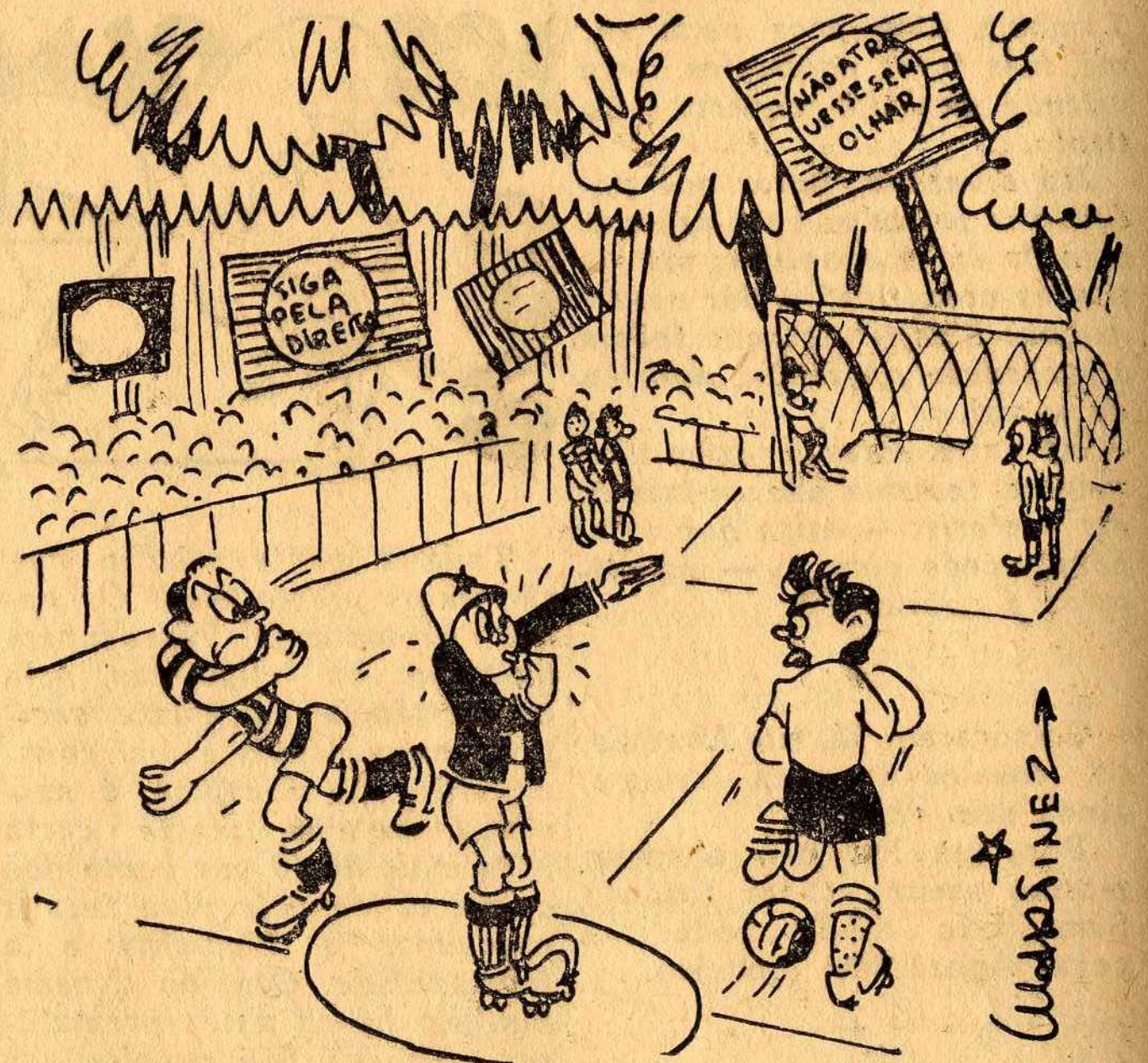
FINALMENTE, O DEFESO!

A TÊ que enfim, caramba! Eu já deitava futebol por todos os poros. Eu e toda a gente — inclusivé, claro está, o Edurisa, prezado confrade nortenho, em quem eu já descobri desde há muito uma acentuada «boló-fobia». Mas tem razão, não há duvida... Sobretudo, com este tempo quente, é um disparate («sobretudo com tempo quente» é sempre um disparate, mas eu queria dizer era...) não está certo que se jogue futebol com um tempo destes. Ainda não há nada como uma boa sessão de teatro ou de

«Os meus» fartavam-se de perder. A direcção é que teve a culpa, claro. São uns «anjinhos». E o treinador é uma besta (pelo menos...).

Durante a época, tive tantas arrelias, que me «desarrisquei» de sócio catorze vezes, rasguei doze cartões e espezinhei dezassete emblemas.

Pois é: realmente voltei sempre a inscrever-me outra vez. Que hei-de eu fazer? Isto da bola é um vício, que se nos mete no corpo. E não calculam que despeza eu fiz! Como em cada nova inscrição tive de pagar «jóia»... tive



cinema, a respirar aquele ar puro das salas de espectáculos, e a ginasticarmo-nos valentemente nos espaldares... das cadeiras!

Mas tem razão o Edurisa em preferir «apesar de tudo», as pernas das coristas ás pernas dos futebolistas. Cada um com a sua mania... Ele tem dito várias vezes que, do Porto, o que aprecia mais é «a pinga». Pois eu, do Porto, o que sempre apreciei mais foi «o Pinga».

Afinal, estamos de acordo.

★

Mas esta época realmente parecia nunca mais ter fim. Depois, durante ela, as coisas correram sempre mal para o meu clube, o que mais a prejudicou.

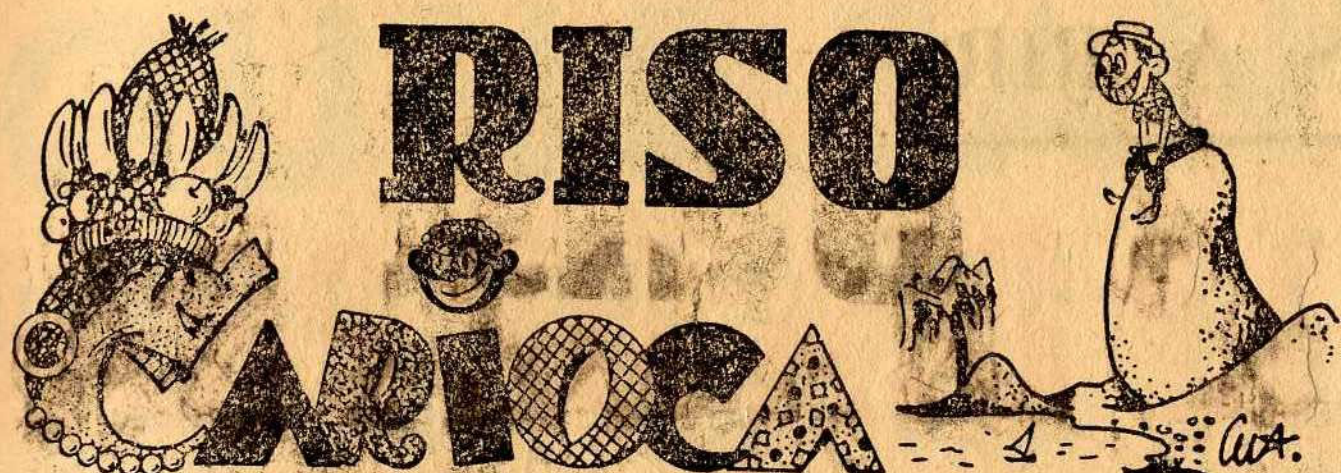
também de empenhar as joias da minha mulher, para levar por diante o meu empenho.

Finalmente, chegou o defeso. Uf! Já se pode respirar. T'arrenego, bolas de *códe-chum!* Cruzes-canhoto prós penaltos e ofesaites! Figas prás equipas e jogadores. Até Setembro, estamos livres do excomungado futebol. Vivó defeso!

Chegou a hora das praias, da natação, dos desportos náuticos, do tennis!

Assim que acabar de escrever estas linhas, vou arranjar as malas, para partir em gozo de deliciosas férias. E quero ver se não me esqueço de nada: — do fato de banho, da raqueta... e da bola de futebol, para jogar lá na praia.

CARLITOS



ANEDOTAS BRASILEIRAS

DUELO

1.º VIZINHO — Gostaria que o senhor me vendesse o seu cão. A minha filha, ontem, teve de parar de cantar, porque ele esteve a uivar todo o tempo.

2.º VIZINHO — Queira desculpar, mas foi a sua filha quem começou...

INGENUIDADE

Um caipira, indo a São Paulo pela primeira vez, encontrou, na Avenida de São João, uma das caixas para recolhimento de papéis velhos, onde se lê:

— «Ajude São Paulo a ser uma cidade limpa».

O caipira, lendo aquilo com todo o entusiasmo, enfiou a mão no bolso e deitou na caixa uma nota de 20\$00.

NÃO ADMIRA...

Um homem apresenta-se numa Redacção e pede um lugar de revisor.

— O senhor sabe corrigir?

— Se sei corrigir? Pudera, passei dez anos numa casa de correcção!

BOM TRATAMENTO

— Fui á Sociedade Protectora de Animais e trataram-me como a um cão.

— Assim tão mal?

— Não; muito bem.

HOMENS DE NEGÓCIO

— Senhor director: está lá fora um homem com uma barba preta.

— Diga-lhe que não me interessa comprá-la.

CONVENIÊNCIA

Um médico, indo visitar um doente que morava distante, este lhe pergunta se não lhe era inconveniente andar tamanha distância.

— Absolutamente nada — replicou —; como tenho outro doente aqui perto, «mato dois coelhos duma cajadada».

UM BOM CONSELHO

Dois amigos encontram-se na rua.

— Que é isso? Onde vens tão preocupado?

— Da estação. Ia tomar o comboio e perdi-o.

— Ora, põe um anúncio no

jornal, dizendo que gratificas bem a quem o encontrar, e é assunto arrumado.

EXPERIÊNCIA

— Deseja «taxi», senhor?

— Sim, sim; onde está o seu carro?

— Queira desculpar, mas eu estou fazendo uma experiência, para ver se isso é um bom negócio para mim.

A ÚLTIMA QUE NOS CONTARAM

Ele tinha um isqueiro maravilhoso, que era todo o seu orgulho.

Estimava-o como se estima um desses automóveis «espa-

das», recém-chegados. Preocupava-o o facto de o isqueiro gastar mais de 15 litros aos 100 quilómetros, ou de precisar duma pedra nova, como quem precisa de lubrificação.

Tirou a licença com o gosto de quem tira uma carta de condução, e, até ao metê-lo na algibeira, amimava-o com os cuidados de quem arruma o carro na garagem.

Mas o isqueiro... — há sempre um «mas» —, tinha um horrível defeito: só acendia á terceira vez!

Certo dia um amigo pediu-lhe o isqueiro emprestado. Ele mostrou certa relutância, mas por fim lá cedeu.

Então, ao ver que o amigo acendera o isqueiro á primeira, exclamou, aflito:

— Ai, que lá me estragaste o isqueiro!

1.º ANO GINASIAL TURMA B

(Continuação da 4.ª pág.)

— Agora, o senhor vai ler em voz alta a composição de Pascoal Palumbo.

Enquanto eu lia aquela resplandecente amostra de um formoso estilo, Pascoal Palumbo, justamente orgulhoso, mas simpaticamente modesto, para assumir uma atitude digna inspeccionava com a caneta as fosas nasais.

— Prestem toda a atenção! — recomendou novamente o mestre.

E ordenou-me que recommencesse a leitura.

Recomecei com a minha voz mais musical:

— Desenvolvimento do tema: Caro amigo, a ti que tens a fortuna de conhecer o idioma do Armínio, já que o teu natal se deu «ao pé do Quar-naro, que a Itália fecha e seus limites banha», como disse o Divino Poeta...

E continuei por quatro páginas.

Aquela composição produziu uma grande impressão na minha família. Se tivesse trazido para casa o tumulto de ouro macisso de Gengis Khan, não falaria tanto assim. A mamã decorou-a; o papá andou com ela no bolso vários dias para ler certos trechos no salão de barbeiro; e como eu não compreendia a beleza daquela prova vibrante, e na minha inconveniência cínica não avaliava adequadamente o horror de minha falta, olhavam-me como um sujeito passível

de ser internado num manicómio; alguém aventou que me mandassem examinar por Lombroso; outros, mais bondosos, mostraram a oportunidade de tirar-me do colégio e ensinar-me o ofício de sapateiro.

O irmão de meu pai, engenheiro electrotécnico, genial homem de negócios, dominador de operários e de conselhos de administração, foi posto na rua, e a mamã e a esposa dele deixaram de visitar-se, só porque meu tio se tornara culpado de haver assumido, por puro espírito anti-literário e anti-tradicional, minha defesa.

— Meu irmão não compreende, explicou o papá, que aquela composição é um estouvado acto de insubordinação: é um gesto de rebeldia; é o germe do anarquismo. Ele quis zombar do professor.

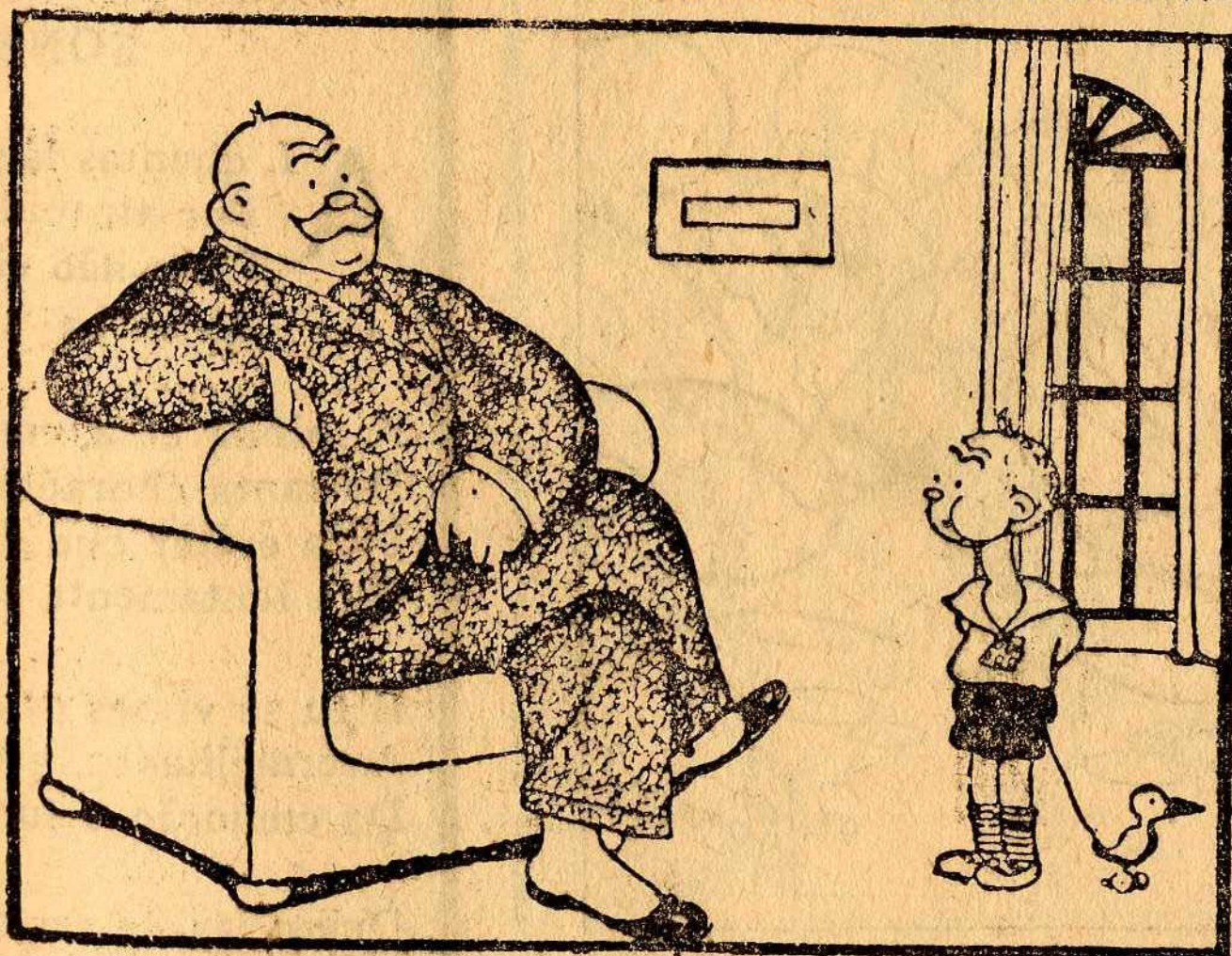
Os mais trágicos prognósticos foram formulados a meu respeito. O meu futuro se delineava maculado pela infamia:

— O dia bonito conhece-se pela manhã! — sentenciaram.

E evocou-se a inesquecível lição daquele delinquente que, no patíbulo, enquanto o carasco lubrifica a corda, morde a orelha da mãe, exclamando:

— Se me houvesse dado dois bofetões quando roubei o primeiro alfinete, hoje, minha mãe, eu não estaria aqui.

(Condensado duma tradução de Elias Davidovich para a Antologia dos Grandes Contos Humorísticos).



— Papá: o que é um monólogo?

— É uma conversa entre tua mãe e eu.

(De... «Caramba»)

SONETOS DO RISO

SONETO LACRIMATORIO

A I, quantas lágrimas verti chorando,
Por ti, mulher ingrata e fementida!..
Hoje não choro mais! Humedecida,
A barba a pouco e pouco foi tombando!...

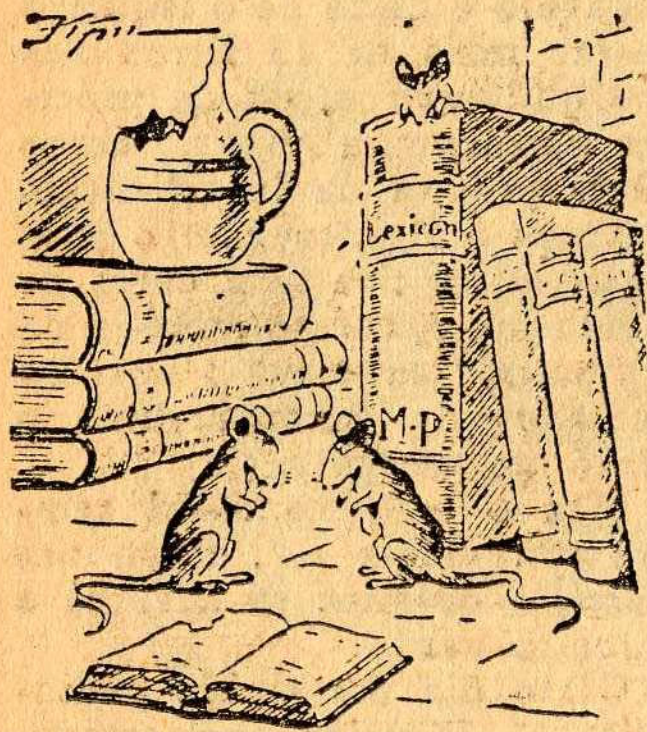
A minha casa, em mar se foi tornando
De tanta choradeira, interrompida,
Para evitar que eu perdesse a vida
Que lentamente se ia dissipando!...

E tu se viesses os meus tristes olhos
Avermelhados, grossos quais repolhos,
Da comoção e sumo de cebola,

Deixarias de ser mulher de intrigas,
E matarias todas as lombrigas
Que te costumam ascender á «tola»...

Alfredo Abreu

RATICES...



— Aquele, depois que roeu umas páginas da «Enciclopédia», ficou duma toleima que não fala a nenhum de nós!
(«Sie und Er», Zofingen)

FLECHAS

Não será um paradoxo uma pessoa gabar-se de que é modesta?!

★
O namoro é o traço de união entre a vida de solteiro e a vida de casado. Com os novos acordos e desacordos ortográficos, o traço de união vai desaparecendo!

★
A calma é aquilo que os nervosos nos aconselham!

★
Porque será que, às vezes, ao ler a crítica a um fulano — e esta diz de si maravilhas — ao outro dia vejo o crítico e o criticado jantando conjuntamente?!

★
Um humorista tem só uma maneira de rir — o riso franco. O senhor sisudo que se não dedica a «literaturas baratas» — como ele diz — tem duas: o falso e o amarelo.

★
Muitos críticos são como os negociantes que, para comerciar, penetram na escuridão, e, para exibirem os seus anéis e colarinhos altos, escolhem a luz do dia!...

★
Nem só o humorista faz rir, não senhor!... Também nos fazem rir aqueles que nos fazem cócegas!

★
«Errar é próprio do homem» — mentir é próprio da mulher!

★
«A verdade está no vinho» — mas com ele a 4\$50 o litro tem de haver muita mentira!

SANTOS FERNANDO

REPORTAGENS A RIR

O MEU 1.º DIA DE PRAIA

F OI no domingo passado, quando o Sol assava castanhas e sardinhas sem que alguém desse por isso. Os vendedores de sorvete, forneciam os gelados com palhinha, pois elas derretiam-se mais que os namorados na ausência dos «paus de cabeleira».

Eu fui para a praia, munido dum horrível fato de banho que pertencera ao meu avô e hoje está actualizado porque os do regulamento têm as medidas exactas dos fatos á 1800.

E' ás listas encarnadas e brancas, com a parte de calção preta. Isto é um pormenor que pouco interessa. Serve apenas para dizer que meu avô foi adepto do Benfica, pelo que aproveito para dar um viva á simpática e popular colectividade.

Mas vamos para diante...

Chegado ao Cais do Sodré, tomei o barco para o almoço e levei muito tempo a digerir-lo, pois era um «ferry-boat» e eu estou habituado aos cacilheiros...

Ia a transbordar de gente, espectáculo a que há muito me habituei. Puzeram-me ao colo uma criança de uns três anos, da qual eu vos juro que não sou o pai. A mãe, porém, ou não era da minha opinião,

ou achou-me com cara de cavalheiro amável.

O miúdo ia entretido com um «chupa-chupa», que o não distraia por completo, conclusão a que cheguei depois de o ver lambuzar-me todo com a guloseima, fazendo um sorriso prazenteiro, como quem diz:

— Assim, sim! Agora é que estou a gozar!

E algumas dezenas de minutos depois cheguei á praia, em ponto de rebuçado e com as calças ensopadas dum líquido amarelado, que pertenceu á encantadora criança que fizera de mim W. C., sem sequer ter pago os cinco tostões da tabela...

Na areia, era tanta a gente, que me pareceu ter uma visão dos filmes do Tarzan, quando os crocodilos, uns sobre os outros, se refastelam ao sol, á espera que o realizador os chame para as filmagens...

Lá consegui uma nesga onde me pus de papo para o ar e de papo para baixo, procurando ora ter o Sol nas costas, ora na barriga, não para me queimar por igual, mas porque tinha medo de queimar as cores do fato de banho do meu avô.

— o que seria um atentado contra a ascendência, e eu nisto de ascendências, sempre fui

muito correcto, até mesmo no meter os bilhetes do ascensor da Glória, nos respectivos caixotes a isso destinado.

Chegou a hora do banho! O que vi por lá a boiar, tirou-me o apetite para o almoço, mas tem graça que ao regressar á areia, tinham-me tirado também o almoço, de modo que deu uma coisa para a outra...

Comprei uma cerveja que distingui pelo rótulo. O conteúdo era um líquido tão mole, tão quentinho, que cheguei a pensar ter sido fabricado pelo garoto que eu transportara ao colo na viagem de barco.

A's oito horas, cheio de areia por fora, de fome por dentro mais sujo do que tinha vindo, mas com o prazer do mar e da praia a encorajar-me para voltar lá no domingo, regressi de barco.

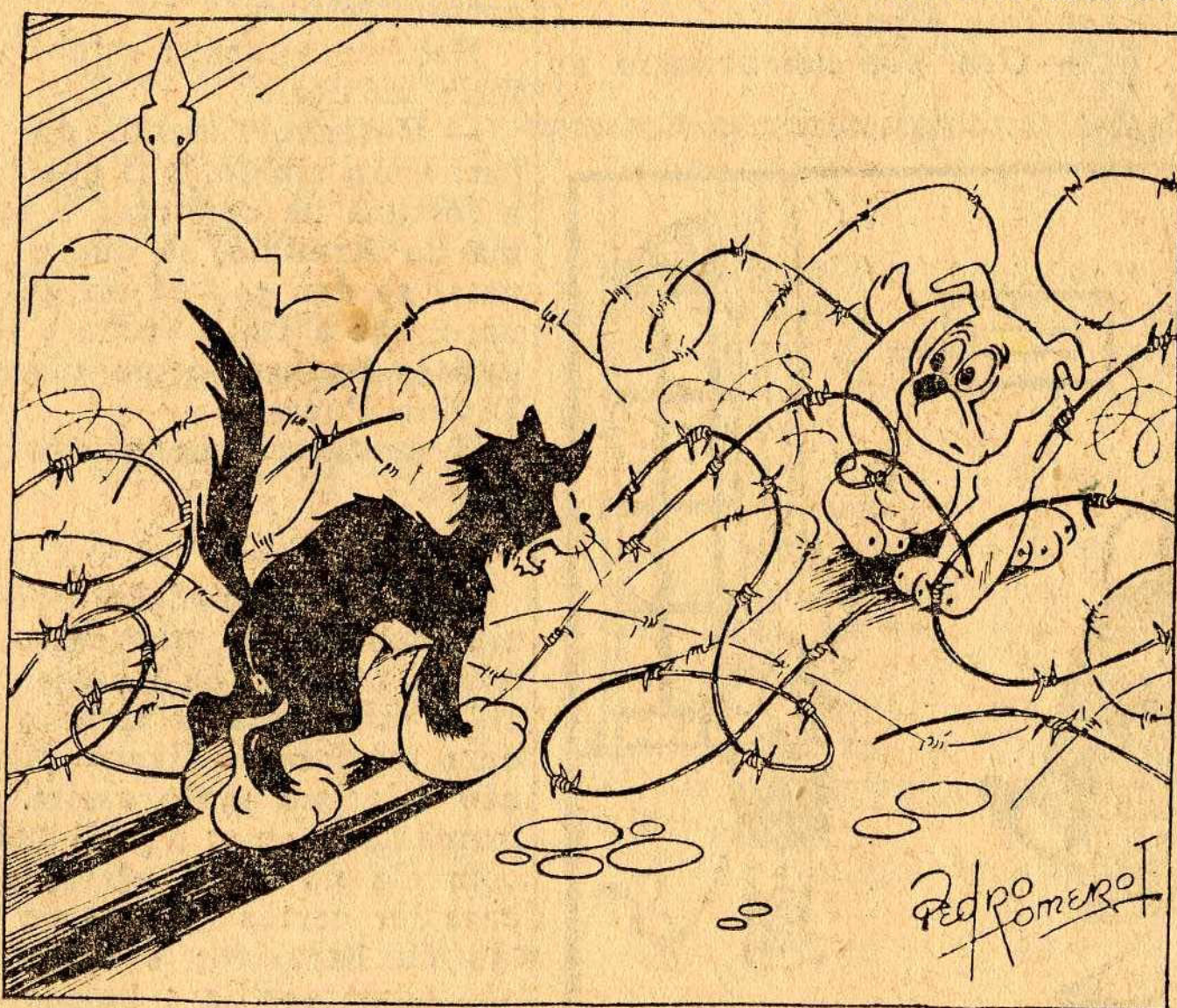
Os amigos, ao verem-me da cor do camarão cozido que se vende á porta das tabernas, fizeram-me aquela estúpida pergunta:

— Vieste da praia?

Pergunta a que me deu vontade de responder:

— Não! Vim do «maquil»

(Continua na 10.ª pág.)



O cão para o gato:

— Com isto da «paz» já nem nós podemos ter a nossa zaragatuzinha!

SONETOS

SONETO LAC

A I, quantas lágrimas vert
Por ti, mulher ingrata
Hoje não choro mais
A barba a pouco e

A minha casa, em mar se
De tanta choradeira, inter
Para evitar que eu perdes
Que lentamente se ia diss

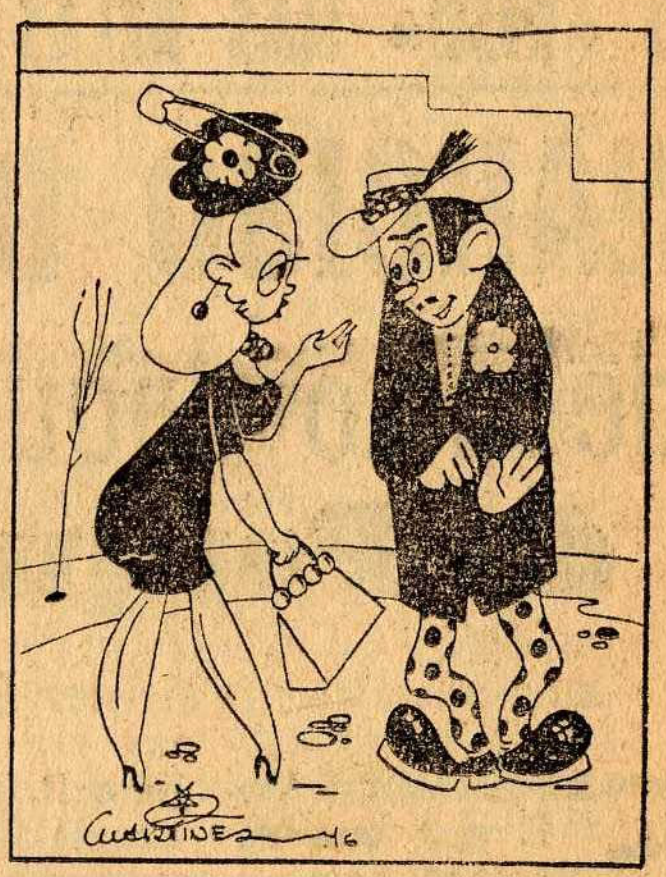
E tu se visses os meus trist
Avermelhados, grossos qua
Da comoção e sumo de ceb

Deixarias de ser mulher de
E matarias todas as lombri
Que te costumam ascender

AQUELE SANTO!...

(MEMÓRIAS DUM HOMEM QUE COMPROU UM CÃO...)

por **Eduardo F. Rodrigues**



TINHA acabado de ler no «Livro de San Michell» as páginas inspiradas que Axel Munthe dedicava aos cães. Levantei-me da secretária, de olho vermelho a fingir que estava inflamado, mas que, afinal, tremia de medo de que aparecesse uma lágrima pateta.

Voltei-me comovido para minha mulher, que estava deliciosamente distraída a ver se tinha as unhas sujas.

— Maria, vou comprar um cão!

— Um cão é um santo! Diz aqui...

E deixei-a estupefacta, quase a chorar, a pensar no médico e no vestido negro que devia mandar fazer, quando ficasse viuva...

Quando entrei na loja e uma menina de olhos langorosos e voz ladrada — parecia-me vagamente cadela — me perguntou o que queria, respondi, quase sem poder respirar:

— Quero um cão!

— De que raça? «Fox», «pekinois», «griffon»? — perguntou-me com um sorriso arripiadamente canídeo.

— Não sei... Um cão que seja verdadeiramente cão!

A minha entrada em casa foi triunfal. Minha mulher fechou-se no quarto, amuada, e a minha sogra iniciou um solo que só acabou quando eu me isolei com o meu tesouro de quatro patas.

Ensinei-lhe o caminho para o quintal, indiquei-lhe os sítios interditos para regas e fui passear.

Tinha um santo em casa e isso era uma honra de que poucos se podiam gabar.

Havia um movimento dos demónios. Três carros de bombeiros, cinquenta polícias e

uma multidão que apontava para minha casa, barravam-me a passagem. Subi a escada num pulo e fui dar com minha mulher lavada em lágrimas.

— Que foi? — inquiri, atemorizado.

— Foi esse maldito que me teste cá em casa! Estragou tudo!... Rasgou a carpete, comeu a pera da electricidade, molhou o «coco» do papá!

— Mas, filha...

— Rasgou os cortinados, matou o gato da vizinha,

(Continua na pág. 13)

— Querida, só para te ver seria capaz de atravessar o Oceano em tempestade!

— Então porque não me foste ver ontem?

— Impossível. Chovia a potes!

CONVERSA METAFÍSICA

(Peça em 3 actos, que pertencem, exclusivamente, aos actores, visto que sempre ouvi dizer que os actos ficam com quem os pratica).

PERSONAGENS: — As que forem aparecendo...

CENÁRIO: — Uma sala de visitas, pouco mais ou menos igual á minha. No chão, uma «carpete» reja-se, servilmente, aos pés de uma cadeira estilo manuelino; em frente

desta, um maple amodorrado está todo recostado para trás e faz-lhe, concomitantemente, uma côrte óbvia e descarada.

Uma lareira antiquada medita, com tristeza, no aquecimento eléctrico; em cima de uma mesa semi-canonizada, de pau-santo, uma candeia de azeite passou á reforma, por falta de combustível e de senhas racionamentais que lho proporcionem. E, enforcada no teto, uma lampada de 250 velas ergue um hino ao progresso, mastigando «watts»

com a mesma frieza com que eu como pevides...

Depois de os espectadores abrirem muitas vezes a boca, como peixes fora de água, abre, finalmente, o pano...

1.º ACTO

(...E a porta abre-se, também, vagarosamente, num bocejo...

...e torna a fechar-se, um minuto depois, com um assobio viperino).

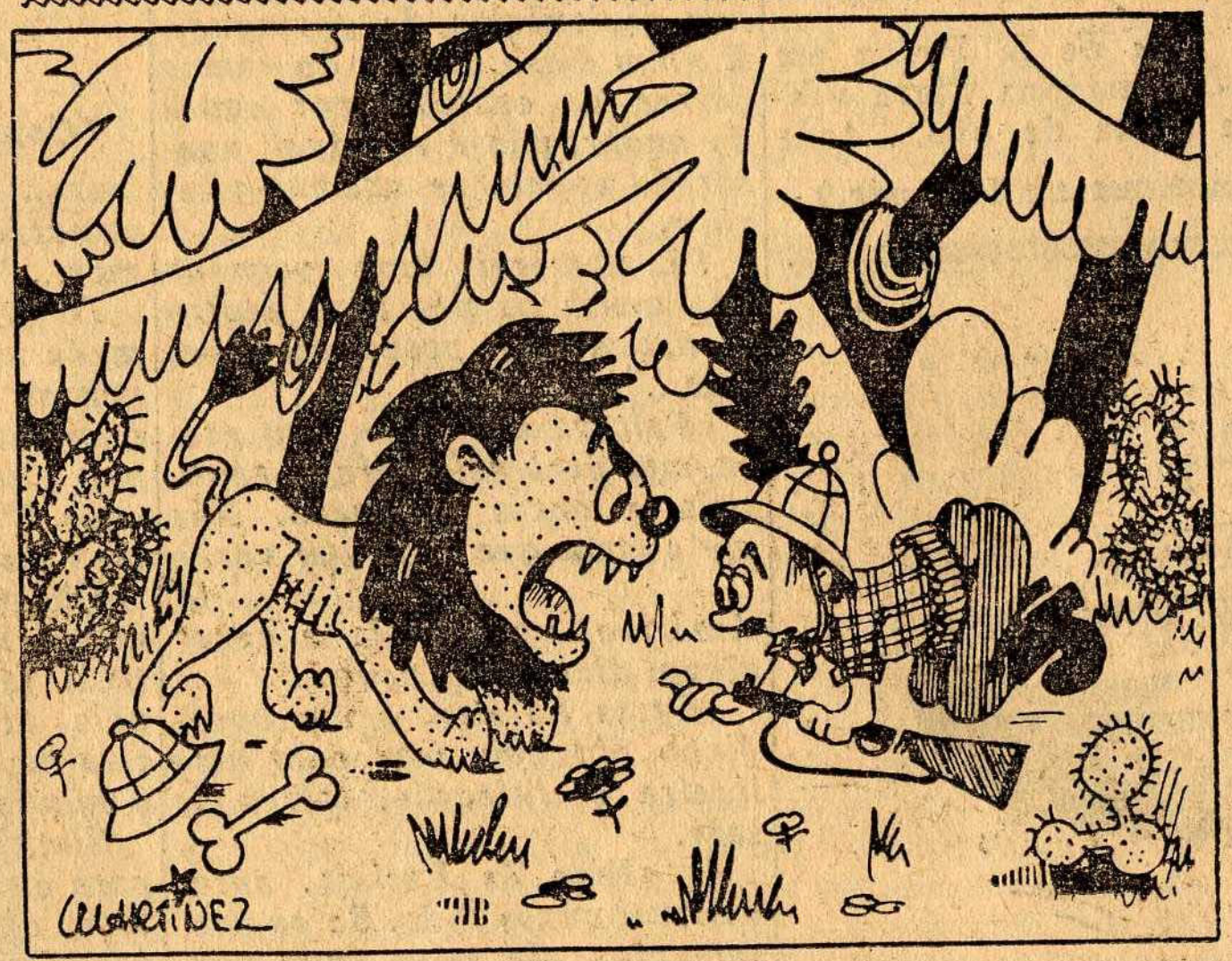
(O maple encaminha-se, vagarosamente, para junto da lareira. Senta-se no chão. A cadeira dá um passo atrás, faz uma vénia e senta-se também).

Meia hora depois, termina o primeiro acto e chega o intervalo. Aplausos doidos, na assistência. E o pano digna-se a descer das alturas e vem colocar-se á boca da cena, de mãos nas ilhargas e olhar atento, não vá algum espectador fugir com uma das cadeiras da ultima fila...

2.º ACTO

(A lampada continua a engulir «watts» e a cadeira a fitar, melancolicamente, o maple. E este, muito côrado na sua cobertura de carmesim, olha de esguelha os joelhos ossudos e as curvas fu-

(Continua na pág. 14)



O médico explorador:

— Meu caro amigo você tem a língua sujíssima. Proíbo-o imediatamente de comer carnes...

DO RISO

CRIMATORIO

ti chorando,
ta e fementida!..
! Humedecida,
e pouco foi tombando!...

oi tornando
mpida,
se a vida
spando!...

tes olhos
ais repolhos,
pola,

e intrigas,
gas
á «tola»...

Alfredo Abreu

O «RISO» NAS BELAS ARTES

NARCISO DE MORAIS debaixo daquela arcada... do Parque Estoril

por CARLOS SIMÕES (Filho)

ESTIVEMOS no Estoril. E por que não desejávamos, com o nosso castigado corpinho e assás peludo cadaver vivo...

então em concorrência com o manancial de belezas femininas de ambos os sexos... que se espalhava pela praia, furtamos-nos a expôr o nosso organismo corporativo... e, ali, á beira daquele abismo... de onde subia um acre olor a carne assada... pelo astro-rei, nos conservamos, decentemente encadernados... vestindo as nuas e despindo as vestidas, com um olhar ingénuo de seminarista do 1.º ciclo...

Impossibilitados, portanto, de, sem olhares profanos, divertir os cinco sentidos nas salsas ondas do mar, fomos mergulhar um unico... a vista, nas aguarelas do Narciso de Moraes.

★

Motivos técnicos, levaram, numa inversão de princípios da física, as manchas de óleo a aparecerem sob a água... rela. O que quer dizer que, no artista, as brilhantes qualidades de aguarelista se sobrepõem ás toleráveis qualidades de oleonista. Os «pasteis», são saborosos e parecerem-nos de fabrico exclusivo. Isto é, confeccionados segundo receita própria...

Seja como for, o que não

há duvida é que, Narciso de Moraes, mantém, nesta exposição, os seus créditos de pintor, adquiridos com elevação, trabalho e arte.

No caso presente, não concordamos em absoluto com o adágio que diz: «filho de peixe sabe nadar», pois que, Narciso de Moraes, lembra-nos a maneira paterna apenas quando aborda a «figura», o que se nos afigura bastante honroso e illustroso...

Já o mesmo não acontece com motivos de «paisagem», onde, ele, adquiriu, há muito, destacada e brilhante personalidade própria...

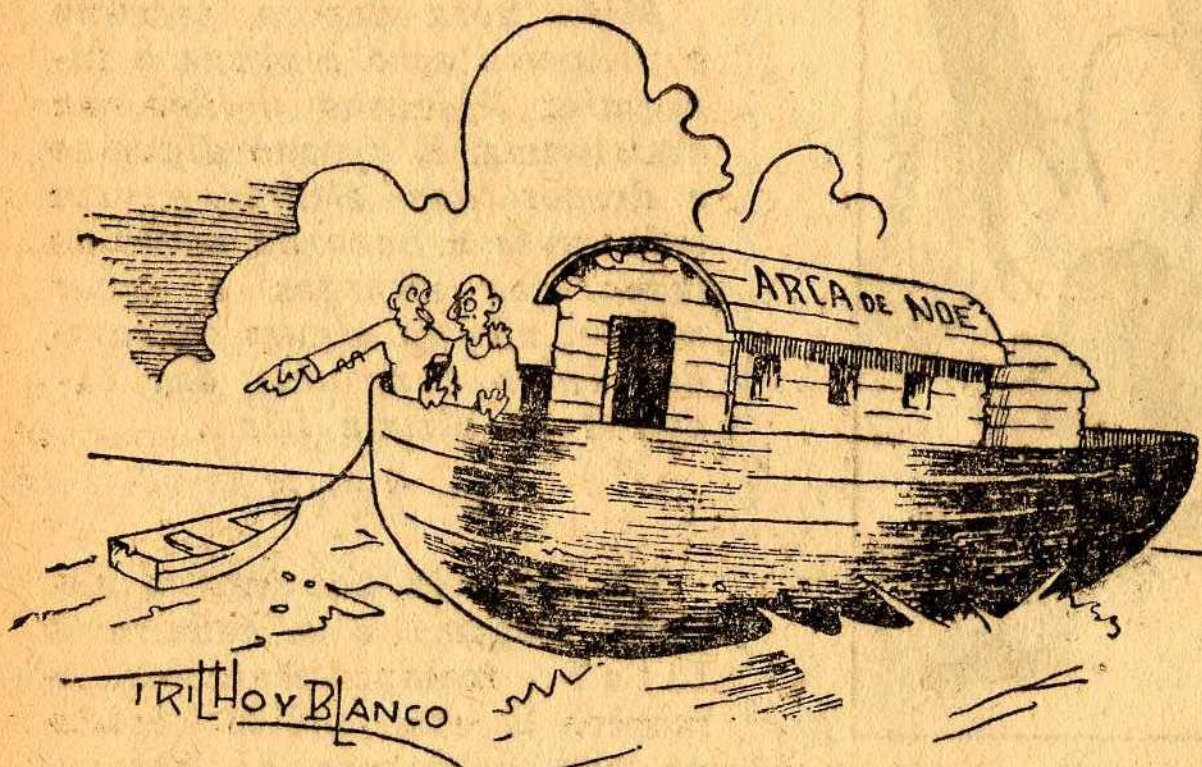
Não estamos aqui para falar do artista, mas sim das obras expostas, portanto, metemos mãos á obra, sem piadas ou picadas de ave de rapina... mas com comoventes e maviosos gorgeios de avezinha de pena... humorística.

Eis, por conseguinte, alguns «quadros» que passámos em revista pelas brasas... da nossa crítica, debaixo daquela Arcada do Parque Estoril:

3 — Rua da Judiaria (Alfama) — Com enormes pregos espetados no chão é de facto uma rua da judiaria... para pneus.

6 — Rua de S. Pedro em 1820 — A madona Clara vestida de gema de ovo... toda

(Continua na 11.ª pág.)



Noé, para um dos filhos:

— Ali, naquele bote, vai a bicha solitária!

AI VAI A RESPOSTA!

M. Satob de Constantino (Almeirim) — O meu amigo revela poucos conhecimentos ortográficos, e esta questão é basililar para quem escreve.

Aconselho-o portanto a trabalhar muito com a gramática e só depois deverá começar a contar aos leitores as suas anedotas.

Agora não me vá julgar ar-ma em professor de instrução primária, anh? Isto não é crítica, nem descompostura; são conselhos. Entendido?

Jormor (Porto) — Ora viva! Então que tal a Invicta? E a Feira do Vinho, estava concorrida? O nosso Edurisa andou por lá, concerteza...

Ora vamos lá aos comentários á sua crítica: «Riso Barbeiral» é uma produção sofrível, e longe do seu nível habitual.

Você é um grande «ponto»! Quando se lembra de ter graça, esquece-se duns «calões» metidos pelo meio da prosa, e quando se lembra de omitir os «calões», esquece-se da graça! Veja se consegue uma melhor forma. Não se perca em divagações e pormenores que em vez de embelezarem o artigo, o tornam monótono.

Em resumo: apure o caldo. Tempere-o bem, doseie o sal e a pimenta, e depois apareça outra vez...

Américo Gírio — Ora então cá estamos, mais uma vez, não é verdade?

O seu soneto «Razão», não tem razão para ser publicado. Há lá um verso da primeira quadra, onde está uma palavra que não me consta estar nos dicionários de português. E além disso, aquilo do «amor deixar de existir», por causa do andar, não é razoável, apesar do soneto se chamar «Razão».

Já namorei uma pequena que metia os pés para dentro e nunca me preocupei com isso...

«Faltava um mês», tem graça, mas peca pelo defeito apontado á outra produção. Não me consta que haja um verbo

O Américo, você anda a fazer algum dicionário novo?

«Carta Saloia», é um bocadinho obscuro, mas com uma ligeira desinfecção, talvez se safe.

O «Riso ás Fatias», aproveitarei quase todo. Se os pensamentos são seus, deve continuar nesse género, no qual vejo a sua inclinação humorística.

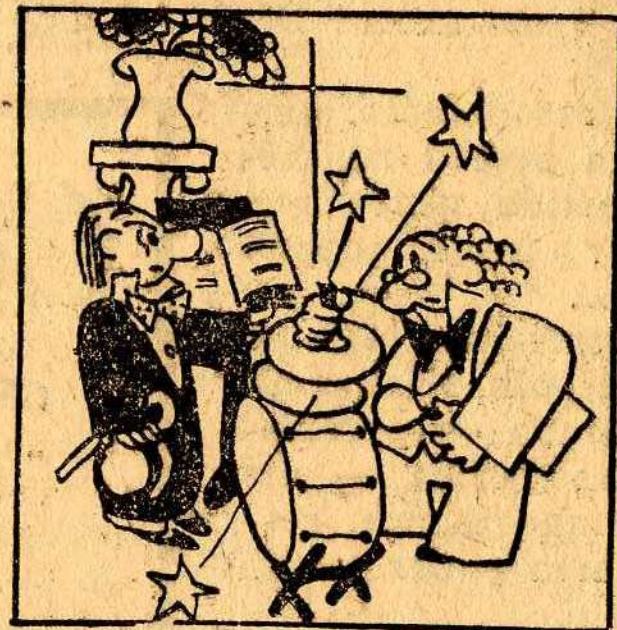
E por hoje chega.

José Rosado — Não tenho competência para julgar a prosa dos humoristas que já andam há muito mais tempo do que eu.

Servem portanto estas linhas para lhe comunicar que publicarei o seu «Quem matou Mister John», que tem bastante graça... E' um pouco comprido, mas, se me dá licença, eu cortarei umas coisas, sem alterar o sumo.

Lembra-se o meu amigo, dum repórter da Eva que há uns anos o entrevistou para um inquérito sobre livros? Pois essa jóvem criança, sou eu!

Aqui vai um abraço!



— Sou o presidente da Liga contra os ruidos.

— Muito prazer em conhecê-lo. E a que devo a honra da sua visita?

O MEU PRIMEIRO DIA DE PRAIA

(Continuação da 8.ª pág.)

leur... Vou fazer papel de camarão, no filme sobre Timor...

Depois davam-me uma palmada nas costas, ai as minhas pobres costinhas, cheias de queimaduras do sol, e ainda por cima me invejavam:

— E's um felizardo! Ainda tens tempo de ir para a praia!

Cheguei a casa ás dez da noite. Fui tomar banho... de tina, jantei e almocei, e depois, até á meia-noite, entretive-me a lavar as calças que o miúdo sujara.

Sim, porque quando pedi para que me fizessem esse serviço, disseram-me:

— Com franqueza... Se fosses uma criança, ainda se desculpava... Agora, na tua idade...

EL-CHIEF

Um grande exclusivo do «Riso»

A NESPEROLÂNDIA

(HISTÓRIA DE UM PAÍS IMAGINÁRIO)

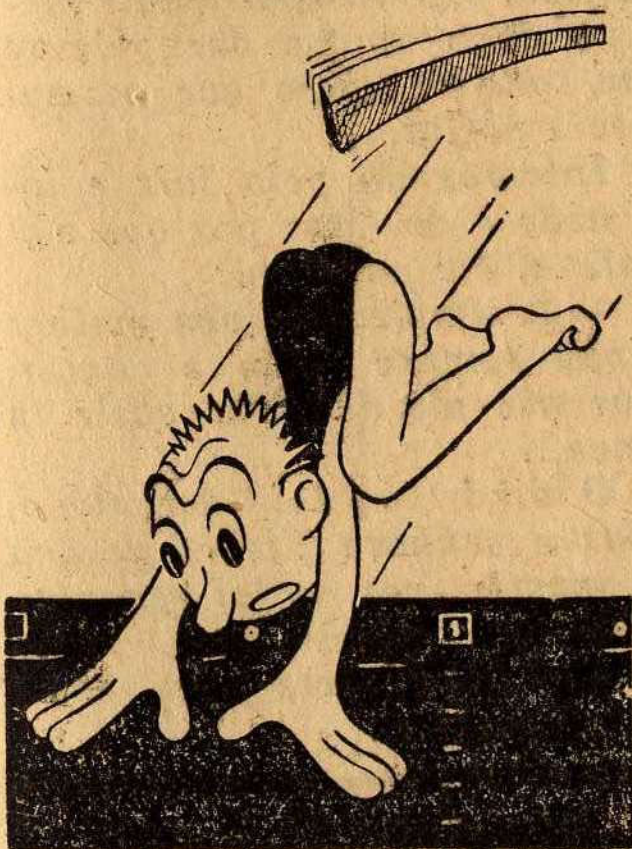
(Continuação do numero anterior)

Citarei, em primeiro lugar, o grande Lesma, autor do célebre tratado «A Moral e o saca-rolhas», filosofia de são princípios e em nada inferior á Ética de Spinoza. É do mesmo autor um opúsculo muito discutido nas Academias e intitulado «O Consciente, o Subconsciente e a prisão de ventre», trabalho publicado em folhetins no importante diário nesperolandês «O Vômito», e do qual, segundo consta, vão extrair o argumento de um filme português, é claro...

Relembremos em seguida a graça, a elegancia e a sublimidade de estilo do ilustre Plantão, que revolucionou a sua época com esta formidável tese: «As cócegas, e a sua influência na evolução dramática do subjectivismo visto de costas». A profundidade dos seus conceitos é tal, que até parece impossível...! Também é notável um outro trabalho do mesmo autor e que veio esclarecer muitas duvidas, reformando ao mesmo tempo velhos princípios escolásticos: «Metafísica do piolho», onde é de salientar o facto curioso de ser inteiramente escrito em «calão».

GUERRAS, CONFLITOS E OUTROS ACONTECIMENTOS MUNDANOS

Jámais o viver da pacífica e



— Socorro! Encham a piscina depressa!!!

laboriosa população da Nesperolandia foi perturbado pelo fantasma da Guerra ou simples conflito armado, mas desempenhou papel de relêvo numa desavença que enredou os seus vizinhos da Riachata com a Tranquibéria e se passou desta forma:

Por ocasião dum banquete oferecido pelo Primeiro Ministro do Estado Livre da Riachata ao Corpo Diplomático acreditado, teve lugar, á sobremesa, uma animada discussão entre o plenipotenciário da Tranquibéria e o citado Primeiro Ministro acerca de marcas de automóveis. O primeiro, proclamava as excelsas virtudes do seu «FANEKA» 60 cavalos, fabrico nacional, ao que o outro contestava, afirmando nada haver que igualasse os travões do seu «TRAQUINAS» 12 cilindros em Y, orgulho da industria tranquibernense. Ripostava logo o Chefe do Governo riachatense que, a respeito de carburador, o «TRAQUINAS» sofria de bronquite ao lado do «FANEKA», ao que o diplomata contraplacava, já com o «champagne» a sair-lhe pelo botão do colarinho, que fosse lá comparar aquela cafeteira com o aerodinamismo da sua «limousine».

Inutilmente o representante de Nesperolandia, no louvável intuito de servir de mediano, procurou deitar água na fervura daqueles radiadores aquecidos afirmando que, a respeito de divertimentos, ainda não havia nada como as palavras cruzadas. Isso sim. Eram quatro horas da manhã e os dois ilustres adversários estavam cada vez mais «largados» na furiosa carreira dos seus argumentos, chegando mesmo ao extremo de se apelidarem mutuamente de «seu este», «seu aquele», «seu aqueloutro» em fina linguagem diplomática... Em dado momento, porém, ambos estacaram diante duma ideia luminosa, espantadíssimos de que ela não lhes tivesse ocorrido mais cedo:

— «Isto ainda não há como uma guerrazinha para resolver o assunto...!»

A assistência aplaudiu freneticamente a clarividência

por

TRISTÃO JORGE

daqueles dois homens publicos, que assim conseguiam encontrar «in extremis» uma solução tão engenhosa para aquele «partipris» que prometia acabar numa cena deplorável de pugilato, coisa que, por princípio algum devia figurar nas relações dos dois países com tremendas responsabilidades perante a História.

Assim, ficou logo resolvido, após consulta telefónica com a capital da Tranquibéria, denunciar á Polícia um velhíssimo tratado de não-agressão, verdadeiro empecilho de soluções práticas, comprometendo-se, todavia, ambas as partes, a pô-lo de novo em vigor logo que terminasse a contenda. Verificada a situação dos dois países, separados geográficamente pela Nesperolandia, ali mesmo foi pedido ao seu representante diplomático a necessária «dé-

marche» a fim de conseguirem a autorização para a passagem das tropas. O Primeiro Ministro da Riachata lembrou então que, no caso de ser muito difícil conseguir tal autorização o mais prático era passar com as tropas e depois pedir licença.

Era um espírito muito lucido e «desenrascado», o Primeiro Ministro!

No entanto, o diplomata nesperolandês pediu imediatamente uma ligação telefónica com Nesperina, prontamente obtida visto não se terem inventado ainda as «cabines publicas». A resposta foi amplamente satisfatória, informando o ilustre plenipotenciário que o seu Ministro despertado áquela hora da madrugada, e julgando até tratar-se da habitual pergunta: «o telefone está funcionando bem?», regosijara-se largamente com a perspectiva de oferecer ao publico da Nesperolandia um tão vistoso espectáculo como a passagem de qualquer dos exércitos vizinhos.

Procedeu-se em seguida á escolha dos campos e a filha do Primeiro Ministro atirou uma moeda ao ar, cabendo á Riachata o direito de romper landia a fim de atacar a a marcha através a Nesperotranquibéria.

(Continua no próximo numero)

O «RISO» nas Belas Artes

(Continuação da 10.^a pág.)

sécia responde com riso alvar a uma liberdade poética do peralta de chapéu armado...

4 — Rua do Outeiro — Pendurados numa corda as pernhas dum menino vestido e calçado. E o busto-Eis o móbil deste misterioso crime... de corda.

10 — Na ceifa (Alentejo) — Ceifeira com aspecto de tarata mobilizado... chegando a foice ao focinho do derriço: Contenta-te com o cheiro... a fenacho. Deve ser caça brava!?

13 — Prisão de D. Afonso VI (Sintra) — Fantasia: no vão de sacada; o desgastado mosaico substituído por fofas carpetes de... remendos. A causa monárquica deve-lhe ficar agradecida pelos benefícios... um bocadinhos tardios.

18 — Barco — Boa carga de balões ou malas-sacos de senhora? No fundo do barco alguns frades de bico amarelo... Coisas passadas aos direitos do homem... dos impostos.

? — Pescador — Um lobo do mar com bastante pelo de arame... farpado.

E' o que se chama trabalhar bem... no arame.

20 — Boca do Inferno (Cascais) — Com tão pouca água deve ter a boca seca... O artista deveria ter-lhe dado um copinho de água... do Luso.

23 — No mercado — Artigos de primeira necessidade: um chafariz de tinta para encher permanentes... e uma cachopa que é um bom mata-borrão... não desfazendo.

37 — Fiando (Miranda do Douro) — Fiando mas nunca fiando... porque o lume ao pé da estôpa, é um perigo. E muito maior junto duma bela moça com coração de ouro que, por sinal, é de latão...

? — Recanto do Palácio da Pena (Sintra). Uma vistosa exposição de medalhas nos telhados do Palácio. São coisas que aparecem, á meia-noite, em cima do telhado...

CARLOS SIMÕES (Filho)

Dollars DE RISO

O ROUBO DO ELEFANTE BRANCO»

COMO a minha situação burocrática nas Índias era das mais, senão a mais elevada, fui indigitado para receber a honra de levar o famoso presente a Sua Magestade britânica. E parti com destino a Nova Iorque, num navio expressamente fretado, com o elefante, seus oficiais e comitiva e restante do pessoal da embaixada.

Durante uma quinzena correu tudo pelo melhor. Mas, aí de mim! um belo dia o elefante desapareceu: fôra roubado. Acordaram-me alta noite para me comunicarem a terrível notícia. Julguei-me absolutamente perdido! E o caso não era para menos. Por fim, sefenei.

Só havia um caminho a seguir — dirigir-me á policia. Assim fiz, apesar da impropriedade da hora. Fui a Nova Iorque e solicitei do primeiro agente que encontrei de conduzisse á presença do chefe da policia secreta.

Expus-lhe o objecto da minha visita. A minha declaração não o emocionou de nenhum modo.

— Dê-me licença para reflectir um momento, se faz favor.

POR

MARK TWAIN

Então, com voz baixa mas expressiva:

— Não é um caso vulgar. E' necessário guardar segredo, um segredo profundo e absoluto.

Pegou na pena.

— Vejamos. O nome do elefante?

— «Hassan - ben - Ali - ben - Sélin - Abdalah - Mohamed - Moise - Alhmall - Jamset - Jejeeboy - Dhulleep - Sultan - Ebou - Rhoudjour.»

— Muito bem. A alcunha?

— Jumbo.

— Perfeitamente. Onde nasceu?

— Na capital de Sião.

— Os pais, vivos?

— Não, morreram.

— Tiveram mais filhos?

— Não. É filho único.

— Perfeitamente. Basta.

Agora queira ter a bondade de fazer a descrição do elefante sem omissão de minucias:

Fiz a descrição: ele escreveu.

Quando terminei, disse:

— Orça agora. Caso tenha

cometido erros, queira corrigi-los.

Leu o seguinte:

— Altura, 19 pés. Do alto da cabeça á inserção da cauda, 26 pés. Comprimento da tromba, 16 pés. Comprimento da cauda, 6 pés. Comprimento total, compreendida a tromba e a cauda, 48 pés. Comprimento das defesas, 9 pés e meio. Orelhas em relação a estas dimensões. Molde do pé: semelhante ao vestígio deixado na neve por uma barrica voltada. Cór. do elefante: branco.

«Um orifício do tamanho de um prato em cada orelha para a inserção das joias.

«Coxeia um pouco do pé direito. Tem uma pequena cicatriz sob a axila esquerda, proveniente de um antigo furunculo.»

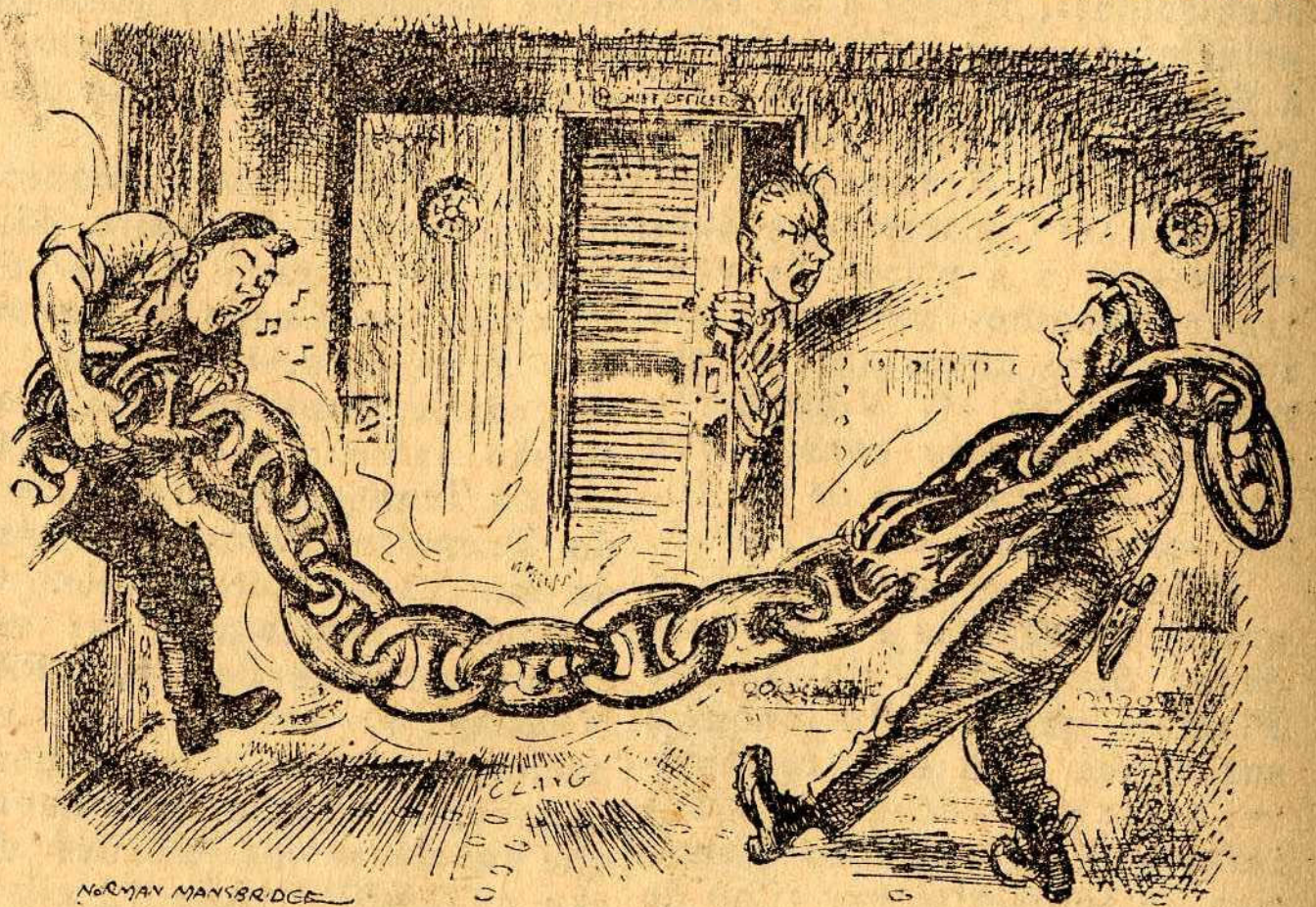
Não havia engano. O inspector tocou a campainha, deu os sinais característicos do animal a Alarico e disse:

— Cinquenta mil exemplares impressos imediatamente e mandados pelo correio a todas as casas de penhores do continente.

Alarico retirou-se.

— Isto, por enquanto. Agora é preciso uma fotografia do elefante.

(Continua na pág 15)



Não assobiem quando passarem por aqui, que eu estou a tentar adormecer!

(Do «Punch»)

AMERICANICES

Em Ohio, um «cow-boy» de nome Fred Simpson, fez sucesso e granjeou grande numero de admiradores, graças á sua estupenda pontaria.

Com cinco balas de revólver, matou a família inteira, o cavalo, um potro que se tresmalhara, o «xeriff», e o motorista duma diligência a «taxi», acabando ainda por perfurar uma lata atirada a cinquenta metros de altura, com furos tão largos que as sardinhas de conserva saíram de lá inteirinhas.

Por fim, como será de calcular, largou o revólver e... comeu as sardinhas...

Harry Smith, um excêntrico americano, deu em fazer a pouco e pouco uma colecção invulgar: chinós de pessoas célebres!

Começou pelos artistas de cinema, e, entre muitos, conta com o chinó de Charles Boyer.

Quando Harry Smith passar aos chinós teatrais, avisaremos imediatamente o sr. Erico Braga...

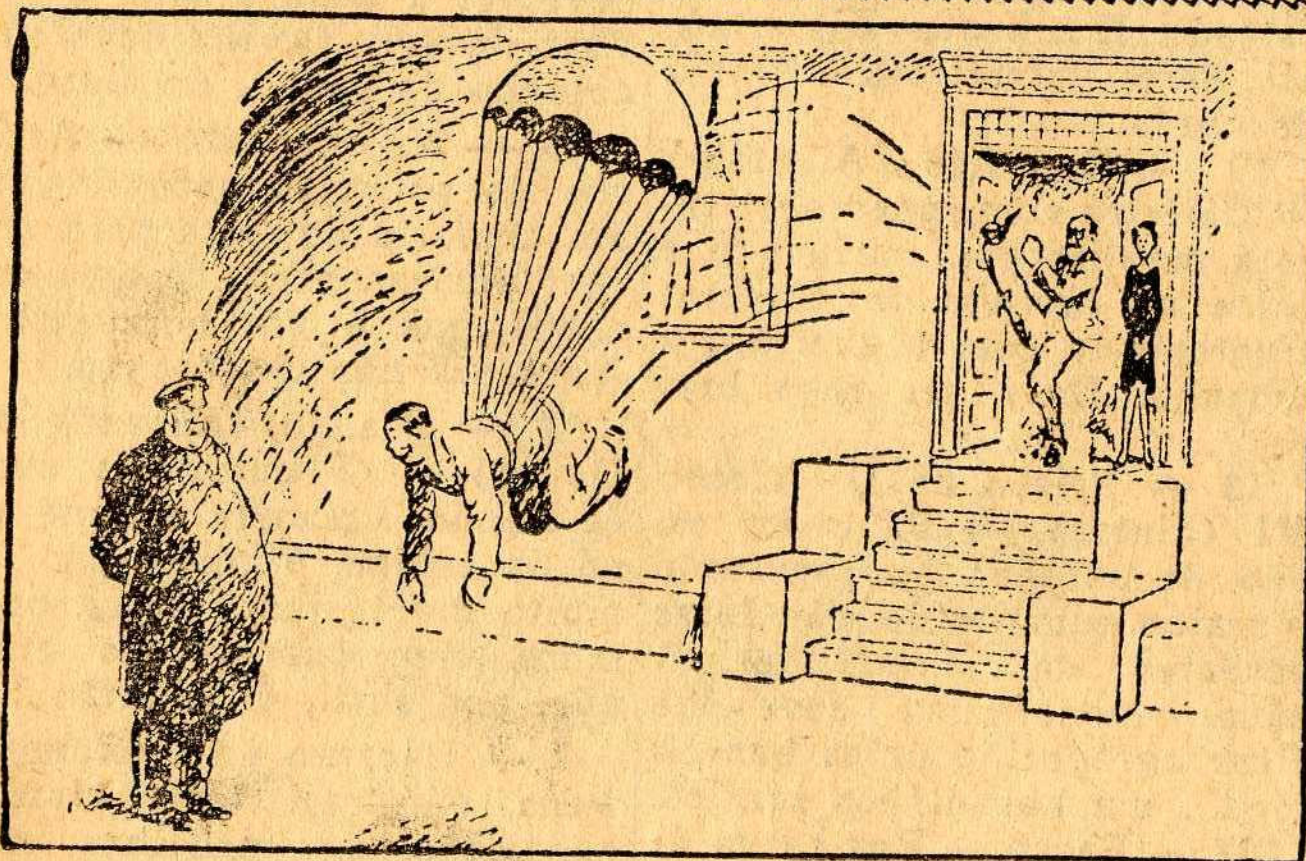
Em Nova Iorque a senhora Fisher, divorciou-se de seu esposo, pelo insignificante motivo deste nunca dar palavra em todo o tempo que permanecia no lar.

Interrogado pelo juiz e intimado a declarar por que não falava, ele explicou:

— É simples! Minha mulher tinha sempre tanto a contar, que não me deixava abrir a boca...

O divórcio foi decretado, mas a senhora Fisher perdeu a questão, por se ter reconhecido ao esposo uma razão muito mais forte para pedir a separação...

HABILITE-SE
A 1.000\$00



Um noivo prevenido para o pedido de casamento...

(Do «Judge» - Nova York)



RISO DO PORTO

COISAS DO PAFUNCIO

O Pafúncio, como todo o burguês que se preza, gosta de ir passar o fim de semana fora de portas. Ora como aos sábados faz *semana inglesa* — que, diga-se de passagem, é a única coisa que ele faz em termos e de bom grado — e ao domingo não faz nada — pegou na patroa, a D. Genoveva — já conhecida dos leitores —, nos seus dois filhos: o Juca, o mais velho, e o Amílcar, familiarmente conhecido pelo Cóca, pela sua precoce pretensão de querer saber e cócar tudo. (Há dias quis saber se o gato era capaz de nadar! Vestiu-lhe um fato de banho e atirou-o ao poço...

NOTAS E ECOS DA RIBALTA

Há dias, num circo ambulante que funcionou na Cordoaria, tentou-se transformar o espectáculo de circo numa sessão de fados e, no entanto, terminou tudo numa tourada. Foi o caso que os fadistas decidiram não aparecer à última hora, ou, o que é mais certo, só decidiram aparecer à última hora, e o público, não levando o caso a bem, decidiu deitar o redondel abaixo, o que não conseguiu. Contudo, a tourada efectuou-se e até meteu um inteligente! Foi o bilheteiro que deitou a mão á caixa das coroas e... cavou, para se não perder tudo!...

★
No Sá da Bandeira vai levar-se á cena a opereta «O Passarinho da Ribeira». Será boa a ocasião para pôr o «Passarinho» cá fora?...

EDURISA, FILHO

Verificou que não nadava...), e abalou para as festas de Penafiel. Só não pegou na sogra, porque dá choque e porque, além disso, ela é que pega com todos (a respeito desta santa, convém dizer que o Pafúncio nunca perdoou ao padrinho dela a fraca ideia de lhe dar o nome de Perpétua).

— «Fui a S. Bento — dizia-me o Pafúncio — e comprei cinco bilhetes de 2.^a para Penafiel. Sim, que eu, quando toca á borga, não olho a despesas... Entrei na gare com a tropa toda e procurei as carruagens de segunda. Olhei para a primeira e estava cheia; corri para a segunda, e reparei que estava a deitar por fora; vou á terceira, e vi que não existia; dirigi-me á quarta e verifiquei que também não havia... Ora se não há a quarta carruagem de 2.^a, nem a terceira — pensei com os meus botões — é porque, logicamente, só há duas!... (Devo avisar os leitores que o Pafúncio tem deduções lógicas admiráveis.) — No entanto eles venderam bilhetes para umas dez carruagens!... Bem, paciência! Mas, ao voltar atrás, reparei que na primeira carruagem havia um compartimento absolutamente vazio!... No entanto aquela gente ia ali comprimidinha e ninguém ocupava aquele compartimento! Só então reparei num letreiro que dizia: «Reservado para o Correio»!... Hom'essa!!... Então estes tipos vendem bilhetes para dez carruagens, só põem duas e ainda ocupam um compartimento para o Correio, que bem podia ir no «J»!... Pois deixa estar que hei-de dizer ao meu amigo Edurisa, que escreve para os periódicos, para pôr isto a nu...

— «Tem toda a razão, Pafúncio! Vou fazer o que puder! — prometi eu. — Mas como foi então que V. levou a família a Penafiel?»

— «Muito fácil. Peguei na Genoveva e nos miúdos, fiz um embrulho com eles, e despachei-os para Penafiel. Depois embrulhei-me a mim próprio e despachei-me também! Pois então! Eu ia lá perder uns bilhetinhos de 2.^a?!...

— «E a sua sogra, a D. Perpétua?»

— «Essa bem eu a queria despachar... E não era para Penafiel, não... Mas, a ela, quem é que a leva no embrulho??...»

— «Então ela não foi?»

— «Foi. Conseguiu um lugar ao colo dum coronel de cavalaria reformado...

AQUELE SANTO!...

(Continuação da 9.^a pág.)

comeu-te o bife congelado...

— Mas...

Minha mulher não me deixava falar.

— Partiu o jarrão da China, espatifou a telefonia e...

Não pude mais. A ira sufocava-me.

— Onde está esse malandro? eu mato-o!

Minha mulher agarrava-se a mim.

— Não! Não vás! Está fechado na pia e parece uma fera!

— Eu mato-o!

— Não vás... Ele já mordeu a mamã, fez-lhe uma ferida enorme...

— Mordeu a mamã? E fez muito doer?

PERCA O SISO LENDO O «RISO»

O melhor semanário humorístico português

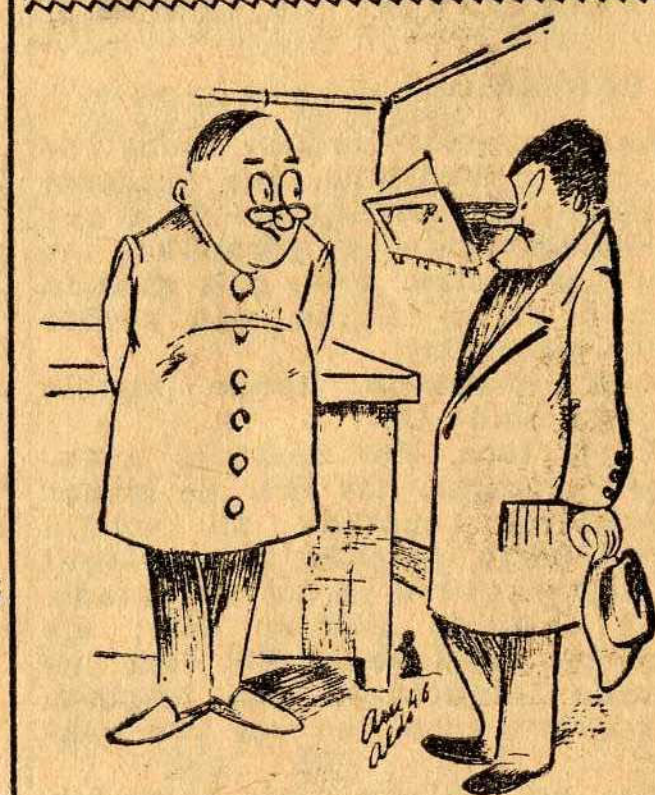
FACTOS FEITOS

A população nortenha, e muito especialmente os tripeiros, estão mortinhos por ver o Cortejo Histórico passar nas ruas da Invicta, á semelhança do que sucedeu em Lisboa. Achamos bem! Estamos mesmo também ansiosos por gozarmos tal espectáculo! Contudo, as ruas largas do Porto contam-se pelos dedos... Ora, dada a imponência de tal cortejo, seria bom que a sua realização na Capital do Norte ficasse para quando se abrisse a não menos histórica Avenida da Ponte. A não ser que, por tal motivo, o Cortejo Histórico tivesse de passar á História... Deixá-lo: mais histórico ficava!...

★

Fala-se novamente na Praça de Touros e na Piscina do Porto. Segundo consta, já se encomendaram, em Espanha, dois vitelos, que hão-de ser os avós dos touros que a inaugurarão. Quanto á Piscina, ainda só existe a água que estão fartos de meter em tal assunto...

— Muito!
— Deitou muito sangue?
— Imenso! Teve que ir curar-se ao hospital!
Então senti uma tremura imensa invadir-me o coração. Uma lágrima teimosa desprendeu-se-me. Axel Munthe tinha razão! O cão é um santo!...



— E o alfinete que enguli senhor doutor?
— Serve-lhe para apertar as cuecas pelo lado de dentro..

O «RISO» NA PROVINCIA

Nota da Redacção — Começamos, hoje, a publicar algumas larachas enviadas pelos nossos correspondentes da Província, pois é nossa intenção, desde o numero um, que todo o mundo e Portugal inteiro, tenham um cantinho no nosso jornal.

DE VALE DE CAMBRA

Cena passada entre um polícia e um bêbado:

Como o sr. Aparício Lampreia andasse muito bêbado e fazendo grande algazarra pela rua, um polícia, que se encontrava perto, resolveu dirigir-se para ele, dizendo-lhe que o acompanhasse para o aljube.

Ao chegar perto dele, pôs-lhe a mão no braço e disse-lhe que o acompanhasse, dando-lhe um encontro.

O sr. Lampreia, como não gostou, virou-se para ele e disse:

— O' sr. polícia, escusa de me empurrar que eu caio bem sózinho, graças a Deus.

NEL

De Vizeu

Maldita Vaca!

O PEDRINHO...

Nesta «cidade jardim» todos conhecem o Pedrinho, que percorre a cidade de lés a lés com a sua bengala branca e vermelha. As crianças gostam dele, pois quando traz o velho violino, não recusa tocar para elas.

— O' Pedrinho, toque aquela cantiga, anda lá!

E ele toca. Por vezes lá o vamos encontrar, nas ruas de menor movimento, sentado na soleira duma porta, cercado dum infantil auditório, que o escuta encantado.

As crianças gostam dele; ele também gosta delas! Foi essa sua grande infelicidade que originou o seguinte caso que vos vou contar:

Era no Inverno. Uma terça-feira, dia do mercado semanal cá da terra, encaminhava-se o Pedri-

nho em direcção ao Rossio, e ao atravessar a rua do Comércio esbarrou. Por instinto de conservação pelo «cadáver», estendeu as mãos á frente, encontrando algo de macio e escorregadio, que lhe fugia fazendo-o tombar nas pedras da rua.

Alguém o levantou e lhe disse, enquanto praguejava:

— O' Pedrinho, você queria fazer uma de cernelha?

— Mas O que foi que me tomou? Quem me fez cair, perguntou o cego intrigado.

— O' homem, foi uma vaca! Então você não «vê» que hoje há gado por todos os cantos?

Na verdade ás terças-feiras, pelas ruas da cidade é um movimento constante de gado.

Depois de ter agradecido ao benfeitor, que lhe indicou o passeio a seguir, o Pedrinho tateando sempre com a sua bengala significativa, encaminhou-se para o seu destino. Porém, em frente da entrada do Mercado, esbarra, estende as mãos, firma-se, e não cai, saindo-lhe da boca a seguinte exclamação:

— O' Maldita vaca!

Pedrinho sentia preso nas suas mãos o mesmo pelo macio e brando.

Mas, ó ceus!, sente que alguém, uma mulher, nos seus braços exclama:

Acudam! Este homem é doído!

Pedrinho não percebe o que se passa; sente que se junta gente á sua volta e que aquilo que ele julgara ser uma vaca, talvez a mesma com que momentos antes troressara, com um empurrão se lhe solta dos braços, quase o fazendo cair.

Então ao seu lado alguém faz luz no seu cérebro.

— Zé, o que foi isto?

— Foi esse cego que se agarrou aquela senhora de casaco de peles!!!

DE VIANA DO CASTELO

Resposta Satisfatória

Passa um enterro. Um sujeito

Que em tudo mete o nariz,

Pergunta a um do cortejo:

— Quem é o morto, não me diz?

E então lhe responde o outro,

Com certo ar de compunção:

— O morto, senhor, é aquele

Que vai ali, no caixão ...

No hospital

O MÉDICO:

— Enfermeiro! Compreendeu?

Cumpra as ordens que vou dar:

Aquele, além, já morreu...

Tratem, pois, de o enterrar!

O DOENTE:

— Não morri, senhor doutor!...

A tal funeral me esquivo.

Venha ver. Ai, por favor,

Não me vão enterrar vivo!

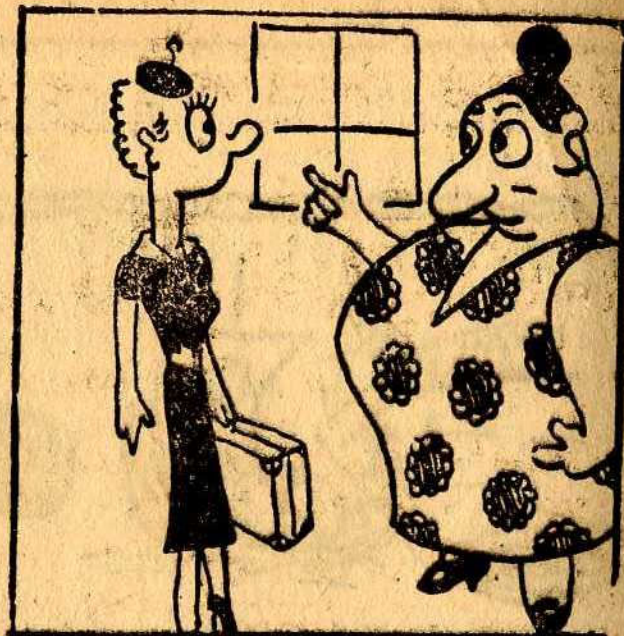
O ENFERMEIRO:

— Cale-se lá, seu aborto,

Que tem aqui que dispor?

Você 'stá morto e bem morto!...

Quer saber mais que o doutor?!



— Bem. Tomo-a ao meu serviço, mas com a condição de não usar os meus vestidos, como as suas colegas.

ANEDOTAS COM MULETAS

Numa agência de criadas:

— Desejava uma cozinheira que fosse capaz...

O dono da agência: — Tenho aí umas poucas que são capazes de tudo.

★

— Doutor, veja a minha língua, e diga-me o que precisa — pergunta uma dama muito faladora.

— Descanso, minha senhora — responde o médico.

CONVERSA METAFÍSICA

(Continuação da 9.^a pág.)

gidias das pernas da cadeira).

(Trinta e cinco minutos depois, o maple sente passar-lhe uma nuvem pelos olhos. Avança um palmo. A cadeira, em sinal de represália, dá um passo atrás e torce um pé. E a «carpete», muito pudica, faz de conta que não vê nada, baixa os olhos e aconchega-se mais aosobrado...)

E acaba o acto. Um bombeiro chora, seráficamente, para dentro do capacete, enchendo-o de salsas e copiosas lágrimas. A assistência soluçava convulsivamente, secundando-o com êxito. A depressão inferior da sala de espectadores está completamente inundada e o ponto, com a altivez lídima de um doge de Venesa, passeia de barco, de olhos em alvo, a decorar o papel para o ultimo acto.

3.º ACTO

(A lampada de azeite, com uma miopia arripiante, apura o ouvido. A cadeira continua

em frente do maple, de perna traçada e um sorriso nos lábios...)

(Vinte minutos depois, ela levanta-se e regressa ao sitio primitivo, onde fica a olhar o luar, que se filtra pelos vitrais. O maple, envolto em côrado romantismo, faz o mesmo e aproxima-se, surratamente. Mas a galopante aritmia do seu coração fá-lo estacar e, quando a «carpete» se preparava para arriscar um olhar insidioso e malévolo... a porta abriu-se e, instantes depois, fechou-se novamente.

A sala fica pavorosamente devoluta. E, nos seus lugares, rígidos e intratáveis como um dia de jejum, a cadeira e o maple não mais se mexeram.)

O pano cai desastradamente, atingindo o barco do ponto pela ré. Este deixa cair dos lábios uma diatribe canibalesca e mergulha, de cabeça, no pranto comovido dos espectadores.

Ainda hoje andam á pro-

cura do cadáver. Mas quê, aquilo já não é choro, é um oceano!

Alguns naufragos, que evidentemente se haviam precavido com bóias, buscam livrar-se dos tubarões e atingir terra firme. Tudo em vão, pois o porteiro, verdadeiro e santo mártir do dever, só o consente mediante a apresentação das respectivas senhas de saída. (Mais tarde, foi-lhe prestada uma homenagem póstuma). E os bombeiros lá andam á deriva, dentro do capacete, prescrutando o horizonte em busca de um vapor...

FIM

N. A.: — Perece-me bem que nem todos perceberam o enredo genial desta mirífica peça. E' isso devido a um lamentável erro do tipógrafo, que deixou no olvido o subtítulo da peça: (DIALOGO MIMICO ENTRE O HOMEM INVISIVEL E O SEU SÓSIA).

TRILHO Y BLANCO

Graça doutros tempos

Perfeição... e rapidez

(Continuação da 3.^a pág.)

desconhecidos quando entraram no combóio, Artur e a pequena entendem-se ás mil maravilhas. Simulei tornar a adormecer. E eis o que vi, pelas fendas das pálpebras semi-cerradas:

Ela virou algumas páginas do livro e indicou-lhe o título dum soneto, em caracteres maiúsculos: «Amor eterno». Muito significativo!

★

TORRES NOVAS, 9 h. e 56 m.—Torna a haver chasséz-croisé de sapatos, os amarelos acariciando os brancos, e os brancos deixando-se acariciar. Mas uma das Fúrias acorda e pergunta se já estamos no Entroncamento. Despertam os restantes. O calçado descansa. E os dois recém-namorados ficam hirtos, um a par do outro.

Mas nem por isso a correspondência cessa. O que um amante não descobre, não descobrirá um polícia de Segurança. Artur, que pousou o jornal nos joelhos, aponta disfarçadamente, o título do artigo de fundo: «Para onde vamos?». Ela percebe, tem um sorriso malicioso. E volta-se para o velho:

— Papá? Chegaremos muito tarde a Salamanca?

— Lá para as dez da noite, minha filha.

— E lá no «Hotel do Comércio» esperam-nos, não é verdade?

— Pois claro. Já para lá escrevi há quatro dias.

Indiferente, como quem não ligara importância á conversa, Artur volta a página do jornal. Lê um instante a secção dos teatros. Parece mesmo interessá-lo muito a seguinte notícia: «Como estava anunciado, realiza-se hoje a «reprise» da deliciosa peça «A chama». Torna a estender o «Diário» sobre as pernas. E, com a unha do indicador, vai sublinhando as seguintes palavras: Como... se chama?

Novo sorriso da pequena, que se demora um instante a pensar, e se inclina enfim para a mãe:

— A mamã não leu a carta que a Laura me mandou?

— Nem tive tempo — tornou a velha. — Com estas barafundas da partida...

— Tenho-a aqui.

Abre a saquinha de mão, tira um envelope azul, e de dentro dele uma larga folha de

papel cheia de cursivo inglês, que estende á velha. Porém, o envelope fica na mão, o mais naturalmente possível, fazendo de quando em quando de ventarola, mas patenteando o endereço: «Mlle. Maria Sara F... da C... Rua... Lisboa...».

E Artur ficou senhor de todas as indicações necessárias...

★

ALFARELOS, 11 h. e 40 m. — Terminou o almoço. Ao atravessar o corredor, a velha entrou no lavabo. O velho ficou esperando-a. Eu debrucei-me na portinhola, para respirar um pouco de ar fresco. Os namorados seguem. Olham para trás, vêem o corredor deserto, e enlaçam-se pela cintura.

★

COIMBRA, 12 h. e 11 m. — Não voltei ao compartimento, onde faz muito calor. Vejo no espelho, porém, tudo que lá se passa. Artur e Sara conversam. Os velhos lêem. Mas uma voz grita na gare:

— Arrufadas frescas!

Os dois velhos debruçam-se na portinhola muito interessados na compra do doce. E num impulso irresistível, os rostos de Artur e Maria Sara aproximam-se, os seus lábios unem-se num arroubo inefável.

Não se pode exigir mais de dois jovens que, quatro horas antes se não conheciam ainda.

★

MEALHADA, 12 h. e 30 m. — Lá ficaram na Pampilhosa os velhos, a rapariga e o rapaz. Devem ir a estas horas pelas alturas de Mortágua. Tenho pena de não ter podido acompanhá-los, na certeza de que estes apontamentos terminariam da seguinte forma:

★

MANGUALDE, 12 h. e 40 m. — Realizou-se o casamento do Sr. Artur de Tal com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Sara, etc.

★

VILAR FORMOSO, 17 h. e 49 m. — Deu á luz um robusto menino a esposa do nosso prezado amigo Sr. Artur Qualquer Coisa, distinto «sportman» lisboeta.

(Condensado da Antologia dos Humoristas — Contos alegres portugueses).

O "ROUBO DO ELEFANTE BRANCO"

(Continuação da 12.^a pág.)

Entreguei-lha. Examinou-a como conhecedor e disse:

— Serve, á falta de melhor, mas o elefante está com a tromba metida na boca. Isto pode dar lugar a confusões, porque, sem dúvida, o animal não está sempre nesta posição.

— Alarico, cinquenta mil exemplares desta fotografia, amanhã, cedinho, expedidas pelo correio, com os sinais característicos.

Em seguida este homem, nada esquecendo do que podia fornecer uma indicação:

— Há casos nos anais da Polícia que demonstram, que ás vezes as vítimas dos criminosos foram achadas por singularidade de alimentação. Pode dizer-me o que come o elefante, e em que quantidade?

— Ora, o que come! Come tudo. Comerá um homem ou uma Bíblia, comerá seja o que fôr compreendido entre um homem e uma Bíblia.

— Muito bem. Contudo são precisas algumas minúcias. Estas são a única coisa útil da nossa profissão. Perfeitamente quanto aos homens. Mas, vejamos. Numa refeição, ou se prefere, num dia, quantos homens, carne fresca, comerá o elefante?

— Pouco se lhe dá que sejam frescos ou não. Numa só refeição, poderá comer cinco homens.

— Perfeitamente. Cinco homens. Está anotado.

— Que nacionalidade prefere?

— É indiferente a nacionalidade. Prefere as pessoas que ele conhece, mas não tem repugnância pelos estrangeiros.

— Muito bem. Agora as Bíblias. Quantas Bíblias poderá comer?

— Uma edição inteira.

— Não é bastante explícito. Refere-se á edição comum, em oitavo, ou á edição grande ilustrada?

— Não creio que se preocupe com estampas, isto é, não creio que faça mais caso das edições ilustradas do que das outras.

— Não me compreende. Falo do volume. A edição ordinária em oitavo pesa quase duas libras e meia, enquanto que a grande edição, em quarto, com as ilustrações, pesa dez ou doze libras. Quantas Bíblias de Doré comerá numa refeição?

— Se conhecesse o animal, não me faria essa pergunta. Come tudo quanto se lhe der.

— Pois calculemos em dólares e em céntimos. É preciso fixar dados. Cada exemplar de Gustavo Doré custa 100 dólares, encadernado em couro da Rússia.

— Teria necessidade do valor de cerca de 50 mil dólares; admitamos uma edição de 500 exemplares.

— Bom, isso é mais preciso. Escrevo: gosta de homens e de Bíblias. Muito bem, de que gosta ele mais? Vejamos... minúcias...

— Prererirá ás Bíblias tijolos, aos tijolos garrafas, ás garrafas panos, aos panos gatos, aos gatos ostras, ás ostras presunto, ao presunto açúcar, ao açúcar pastéis, aos pastéis batatas, ás batatas farelo, ao farelo feno, ao feno aveia, á aveia arroz, que sempre foi o seu principal alimento. Só não come manteiga europeia: mas comerá, se gostasse ela.

(Condensado duma tradução de Câmara Lima, para a «Antologia dos Grandes Contos Humorísticos»)

BOLETIM DO CONCURSO:

«HÁ HORAS FELIZES!»

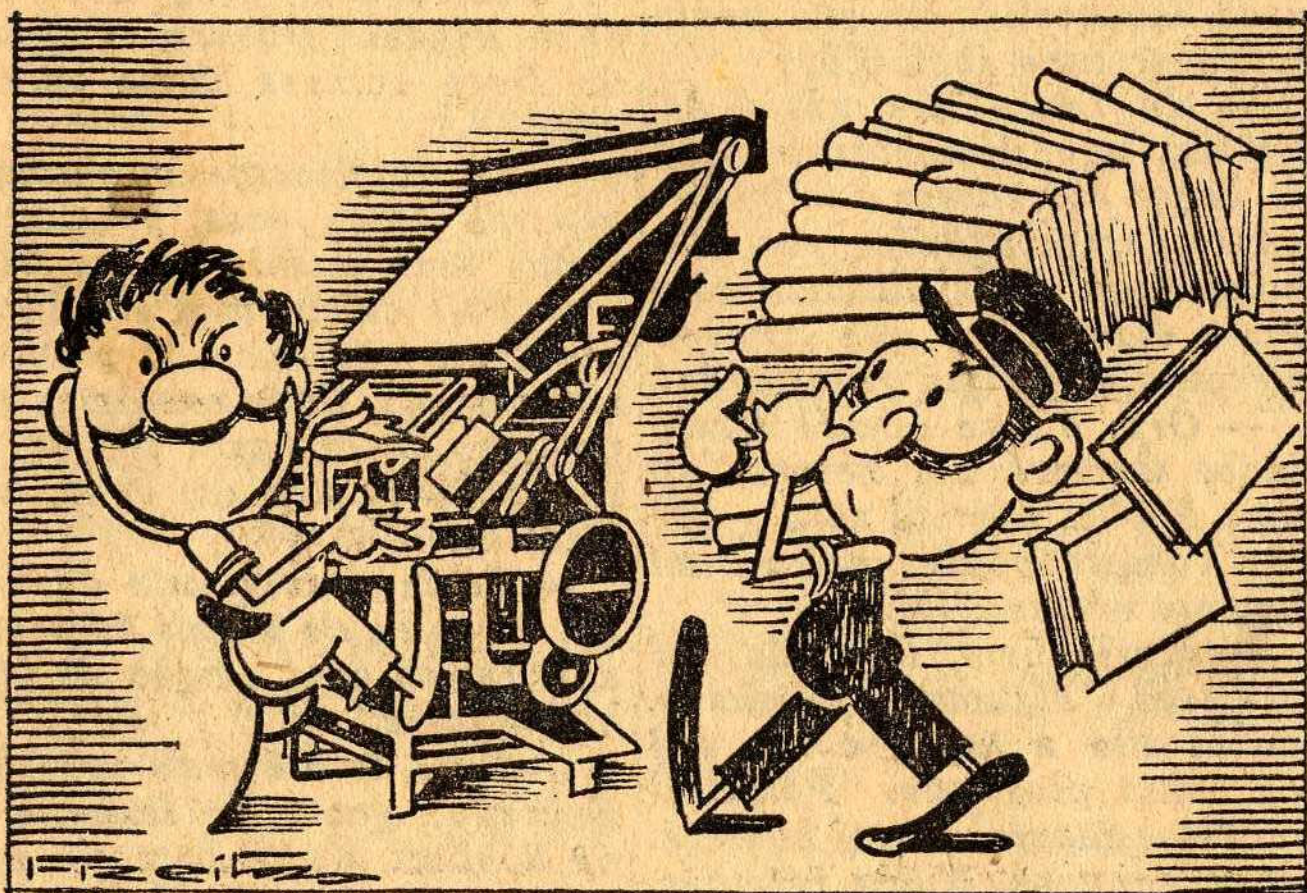
Nome:

Morada:

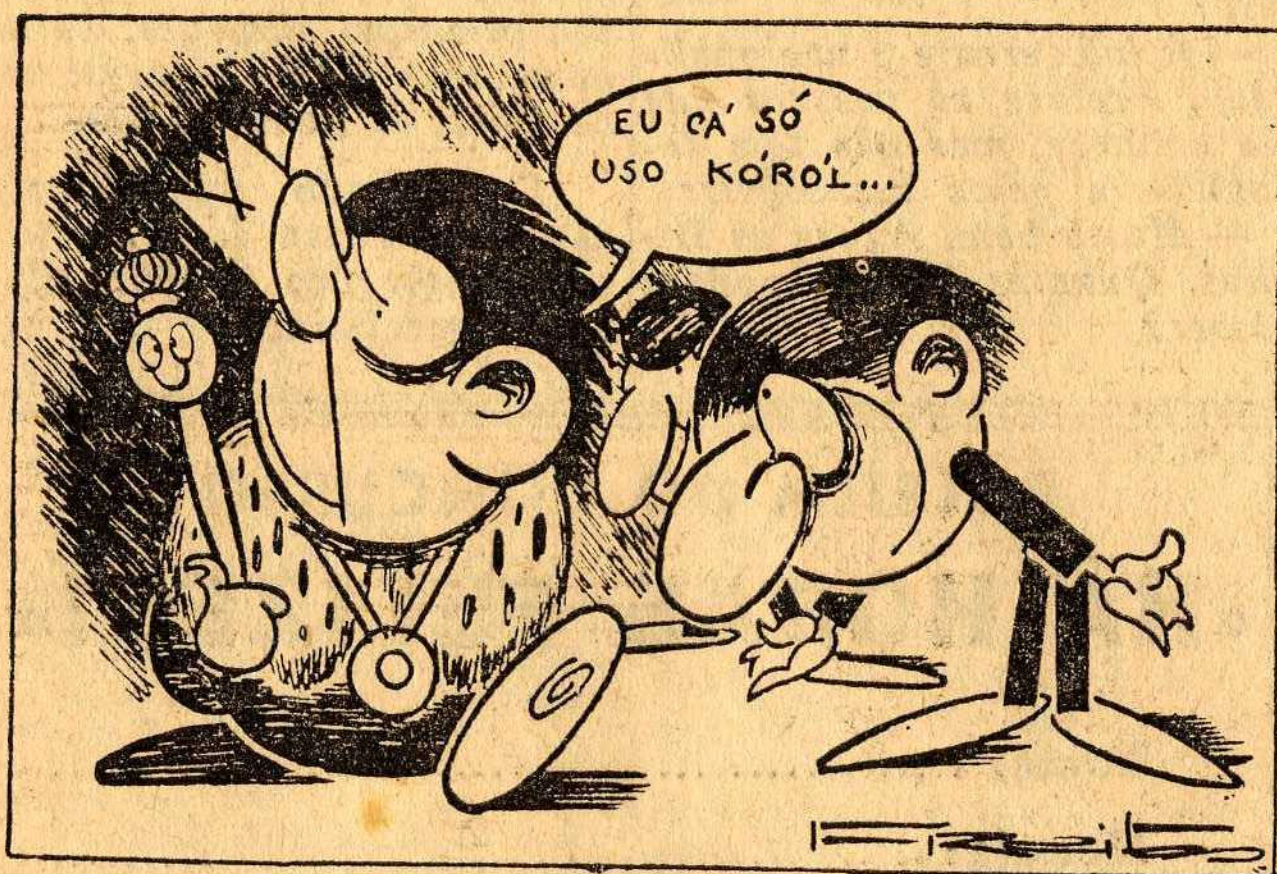
01

Preencher, recortar e enviar á redacção.

PRETENDE
UMA BOA PUBLICIDADE
PARA OS SEUS PRODUTOS?
ESTA PÁGINA
RESOLVE-LHE O PROBLEMA



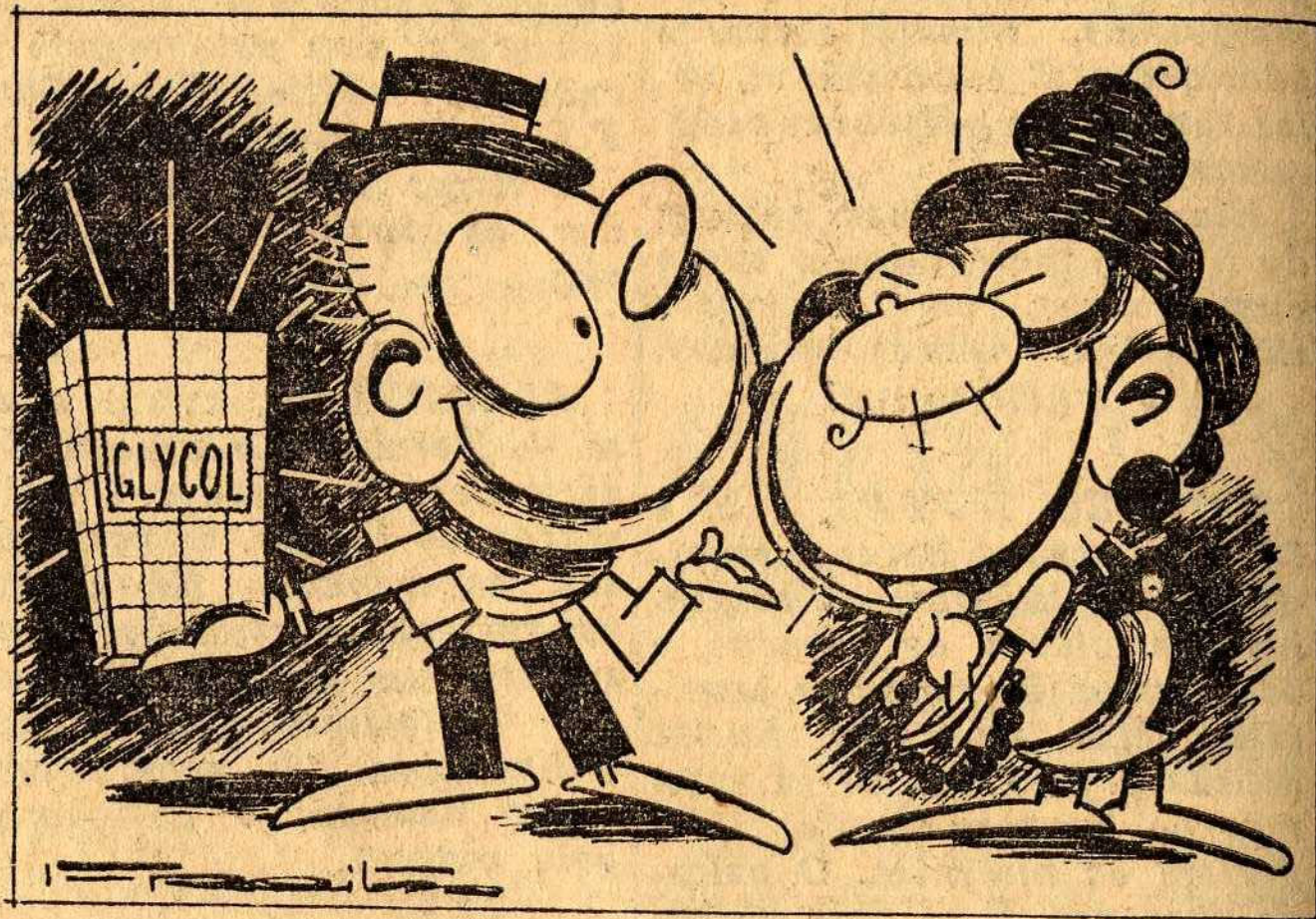
Na Casa BERTRAND, IRMÃOS, LD.^ª, não há mãos a medir. Sim, porque esta casa transformou as Artes Gráficas num agradável... desenvolvimento.



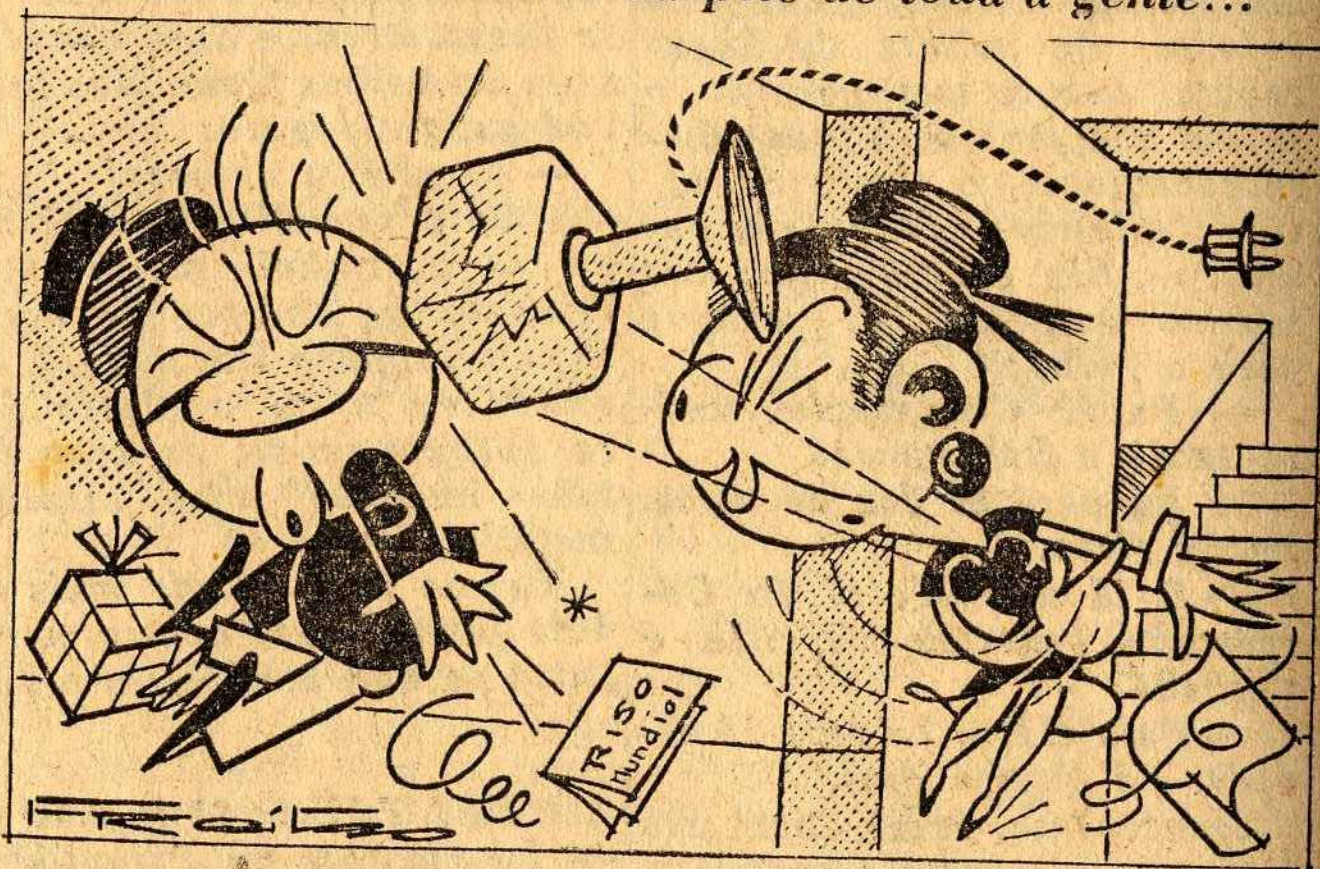
No país dos cabelos brancos, quem usa KÓRÓL é rei...

Portanto vá já às PERFUMARIAS MIMOSA ou ROSA D'OURO na rua Áurea, e compre o seu frasquinho de KÓRÓL!

AS VITIMAS DA SEMANA



Até «aquela santa» com uma «aplicaçõzinha» de GLYCOL, parece que fica mais «macia»!...
GLYCOL — o ideal da pele de toda a gente...



— Toma, mau marido, monstro, lobishomem! Quantas vezes te tenho dito que só quero objectos de vidro da Fábrica «FAVIL» da Marinha Grande?

NÃO
SUBA PARA O
CARRO
SEM DINHEIRO